

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL- PRODUÇÃO EDITORIAL

André Polga

**A RECEPÇÃO DE PRODUTOS EDITORIAIS SOBRE A TRAGÉDIA DE  
SANTA MARIA**

Santa Maria, RS – Brasil  
2015

**André Polga**

**A RECEPÇÃO DE PRODUTOS EDITORIAIS SOBRE A TRAGÉDIA DE SANTA  
MARIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, como requisito para obtenção do título de Bacharel em **Comunicação Social - Produção Editorial**.

Prof Orientadora: Ada Cristina Machado Silveira

Santa Maria, RS – Brasil  
2015

**André Polga**

**A RECEPÇÃO DE PRODUTOS EDITORIAIS SOBRE A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, Centro de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, como requisito para obtenção do título de Bacharel em **Comunicação Social - Produção Editorial**.

Aprovado em ..... de ..... de .....

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ada Cristina Machado Silveira (orientadora - UFSM)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Clarissa Schwartz (UFSM)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Roes Dalmolin (UFSM)

Santa Maria, RS – Brasil  
2015

*Aos familiares que continuam clamando por Justiça plena e aos que lutam para que mais tragédias como essa não ocorram com as próximas gerações. Ao meu Anjo que desde Janeiro de 2013, continua me guiando em todos os passos, porém agora, em outro plano.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por minha vida, pela força e pela determinação em chegar até onde cheguei hoje.

Agradeço aos meus pais por serem meu exemplo e minha base, aos ensinamentos de respeito, de responsabilidade e principalmente de caráter. Agradeço ao amor, por terem movido montanhas durante esses quatro anos de graduação. Sabemos o quão difíceis foram eles, com o início repleto de insegurança e de saudade, mas que hoje, tentamos suportar todas as dificuldades juntos. Obrigado pelo apoio de sempre e por tudo que sempre fizeram e continuam a fazer.

Agradeço a minha orientadora prof<sup>a</sup> Ada Cristina que, além de uma grande professora, acima de tudo é um grande ser humano. Os puxões de orelha durante a realização deste trabalho foram fundamentais e essenciais para que, naqueles momentos em que eu sentia medo e vontade de desistir, se tornassem um gás que me impulsionasse para a conclusão da pesquisa, assim como a coragem para enfrentar o que viria após a graduação.

Agradeço a todos os pais e mães que ganhei em Janeiro de 2013. Nos conhecemos em um momento tão difícil, de dor e de desesperança, que ao passar do tempo acabou nos unindo por laços tão fortes. Obrigado pelo apoio, por incentivarem que essa pesquisa fosse realizada e por participarem dela. Sei o quanto falar do tema abala alguns, pois a dor da perda de cada um sempre estará presente. Considero a cada um, meu segundo pai e minha segunda mãe. Aproveito para agradecer as Associações desse âmbito, as quais fomentaram a pesquisa de forma tranquila e com muito carinho: ONG Para Sempre Cinderelas, Movimento Mães de Janeiro, Movimento Santa Maria do Luto à Luta e Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria. Continuarei apoiando-os sempre que possível!

Agradeço aos meus melhores amigos, Edilaine, João Mateus e Camila. Obrigado por estarem sempre dispostos a me ajudar (e me aturar) nos momentos mais difíceis e importantes da minha vida. Agradeço pelo carinho de sempre, por toda a compreensão e por sempre estarem comigo.

Agradeço aos meus colegas, especialmente a Carol, Raquel, Maura, Suelen, Denys e Thayze. Que nossa amizade se fortaleça cada vez mais, como se fortaleceu nesses últimos anos. Obrigado pelos risos, pelos puxões de orelha, por todos aqueles apelidos carinhosos os quais dávamos uns aos outros e principalmente, pela colaboração nesse trabalho. Sabemos que, em cada uma de nossas pesquisas de Conclusão de Curso consta um pouco de cada um de nós.

Agradeço a Cibele, por sempre me motivar a continuar minha pesquisa e levá-la para frente juntamente com minha futura formação. Tenho a certeza que tudo tem algum propósito e que ter conhecido a sua família desde quando eu era criança, foi um presente o qual ainda desconheço das razões. Sabemos o quanto a Lu se orgulha, onde quer que esteja, e segue guiando nossos passos nessa caminhada.

*“Eu também sou vítima de sonhos adiados, de esperanças dilaceradas, mas, apesar disso, eu ainda tenho um sonho, porque a gente não pode desistir da vida.”*

**MARTIN LUTHER KING**

“Hoje são dias de guerra, amanhã serão de glória.”

## **RESUMO**

### **A RECEPÇÃO DE PRODUTOS EDITORIAIS SOBRE A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA**

AUTOR: André Polga

ORIENTADORA: Ada Cristina Machado Silveira

Esta pesquisa está inserida nas discussões dos estudos de recepção e analisa as percepções de familiares de vítimas da tragédia na Boate Kiss acerca de produtos editoriais com conteúdo referente à temática. A questão norteadora de pesquisa consiste em analisar como foram percebidos os produtos editoriais, considerando sua atividade de cobertura midiática e incidência na mobilização em torno da tragédia ocorrida em 27 de janeiro de 2013. Para dar conta da abordagem, realizou-se uma pesquisa documental e bibliográfica composta pelo levantamento de informações, ademais da realização de grupos focais ou de discussão. Os resultados apontam que a mídia opera como apoiadora na questão do combate ao esquecimento da tragédia, tanto quanto pode ser considerado que atua com estratégias sensacionalistas. A avaliação da produção bibliográfica em torno da tragédia considera que há mecanismos de autopromoção em três das quatro obras lançadas em torno do tema.

**Palavras-chave:** Recepção. Mídia. Grupos de Discussão. Produtos Editoriais.

## **ABSTRACT**

### **THE RECEPTION OF EDITORIAL PRODUCTS ABOUT THE SANTA MARIA TRAGEDY**

AUTHOR: André Polga

ADVISOR: Ada Cristina Machado Silveira

The research is insert in the discussions involving reception studies, aimed at analysing the perceptions of the relatives of the victims of the nightclub Kiss about editorial products relative with thematic content .The guiding research question is to examine how the editorial products were perceived considering it is media coverage of activity and focus on the mobilization around the tragedy that occurred on 27 January 2013. To realize this approach, we created a documentary research and literature composed by gathering information and content relating to products, and the formation of focus groups or discussion. The results show that the media operates as a supporter on the issue of the fight against forgetting the tragedy, as far as can be seen acting with sensational strategies. The evaluation of bibliographic production around the tragedy considers that self-promotion mechanisms in three of the four works launched in the theme.

**Keywords:** Reception. Media. Discussion groups. Editorials products.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Capa do livro “Kiss Uma porta para o céu” .....	25
Figura 02: Capa do e-book “Midiatização da Tragédia de Santa Maria .....	28
Figura 03: Capa do livro “Guerreiros de Santa Maria” .....	31
Figura 04: Capa do livro “Nossa Nova Caminhada” .....	33
Figura 05: Primeiro banner da exposição sobre o e-book .....	40
Figura 06: Segundo banner da exposição sobre o e-book .....	41
Figura 07: Terceiro banner da exposição sobre o e-book .....	41
Figura 08: Quarto banner da exposição sobre o e-book .....	42

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>1. A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA</b> .....	14
1.1. Mdiatização da tragédia .....	15
1.2. Agentes de mobilização .....	17
1.2.1. Associação dos familiares de vítimas e sobreviventes da tragédia de Santa Maria – AVTSM .....	17
1.2.2. Movimento Santa Maria do Luto à Luta .....	18
1.2.3. Movimento Mães de Janeiro .....	18
1.2.4. ONG Para Sempre Cinderelas .....	18
1.2.5. Associação Ah Muleke! .....	19
1.3. Apoio de atores mobilizados por Cromagñón .....	19
<b>2. PRODUTOS EDITORIAIS CRIADOS APÓS A TRAGÉDIA</b> .....	23
2.1. As obras .....	23
2.1.1. Kiss: uma porta para o céu .....	23
2.1.1.1. Biografia do Autor.....	25
2.1.1.2. Polêmicas acerca da obra .....	25
2.1.2. Mdiatização da tragédia de Santa Maria .....	26
2.1.3. Guerreiros de Santa Maria .....	28
2.1.4. Nossa nova caminhada .....	31
2.2. Política de direitos autorais .....	33
2.2.1. Direitos aplicados aos produtos editoriais .....	35
<b>3. METODOLOGIA E ANÁLISE</b> .....	38
3.1. Considerações metodológicas .....	38
3.2. Exposição de apoio .....	39
3.3. Formação do grupo de discussão .....	42
3.3.1. Perfil do grupo .....	44
3.4. Execução dos grupos de discussão .....	45
3.5. Análise e interpretação de dados .....	47
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55
<b>ANEXOS</b> .....	57

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar as percepções de familiares de vítimas da tragédia de Santa Maria em relação aos produtos editoriais lançados desde a data fatídica de 27 de Janeiro de 2013, até a data presente do início do trabalho, em meados de Março de 2015. Vale considerar que, apesar do livro ainda não ser considerado um produto midiático pela indústria, este foi assim considerado no trabalho, o qual acaba abrindo espaço para uma discussão sobre a importância da mídia e como ela se portou diante da tragédia. A partir disso, foram realizados dois Grupos de Discussão com quatro agentes de mobilização criados após o ocorrido na Boate Kiss, sendo eles a Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM), o Movimento Santa Maria do Luto à Luta, o Movimento Mães de Janeiro e a ONG Para Sempre Cinderelas. Os produtos editoriais referentes ao estudo dessa pesquisa são: “Kiss: Uma porta para o céu” escrito por Lauro Trevisan; “Midiatização da Tragédia de Santa Maria” organizado pela prof<sup>a</sup> Ada Cristina Machado Silveira; “Guerreiros de Santa Maria” escrito por Paulinho Oliveira e “Nossa Nova Caminhada” organizado por Lidiana Betega.

A questão problema da pesquisa é, juntamente de seus objetivos, analisar como foram vistos a mídia, de uma forma geral, assim como os produtos editoriais criados acerca do tema da tragédia. Analisar ainda através da recepção se, através desses produtos, o assunto acabou se disseminando de forma mais rápida, assim como analisar como a mídia foi vista em relação a cobertura do fato. O presente trabalho se faz importante pelo fato de, primeiramente, ser um estudo de recepção de livros relacionados a um tema que atingiu em grande escala a sociedade local, assim como, de forma mais longínqua e não tão amena, o país e o mundo. Após analisar as percepções dos sujeitos em estudo na pesquisa, é considerável relacionar o autor ao leitor, transformando a recepção em uma forma de feedback ao que foi produzido acerca do tema. No capítulo de abertura, encontram-se informações sobre a tragédia ocorrida em Santa Maria, sobre sua midiatização e quais os agentes de mobilização que foram fundados após Janeiro de 2013. No Capítulo seguinte, as quatro obras lançadas acerca do tema são apresentadas, assim como um breve resumo sobre cada uma. Ainda são colocadas informações sobre os Direitos Autorais em cada obra, algo de extrema importância para o autor em relação a produção de seu conteúdo em circulação no mercado editorial. No terceiro capítulo são colocadas as considerações metodológicas usadas no decorrer da pesquisa.

Foi na observação participante Correia (2009) que o interesse pela pesquisa acabou crescendo, justificando assim a proposta para que esse tema fosse disseminado. A perda de

duas pessoas na tragédia, uma colega de faculdade e uma amiga de infância<sup>1</sup>, fez com que, logo após a tragédia, eu me tornasse parte de um dos agentes de mobilização fundado no marco do primeiro mês da tragédia. A partir daí, desconsiderando os protestos organizados pelo Movimento, iniciamos a produção de conteúdo para as redes sociais para que o tema não caísse no esquecimento, cobrando os órgãos públicos para a admissão de suas responsabilidades e pressionando-os para que a Justiça cumprisse o seu papel ao acusar e prender os responsáveis pelo acontecido na Kiss. Após três anos na Academia, espaço de tempo em que ocorreu a tragédia e que finalizaria a graduação, o fato de estar em contato com diversas gamas midiáticas, considerando a audiovisual, a impressa e a digital (web), a consideração para a disseminação do tema acabou fazendo com que ele não fosse apenas realizado por redes sociais de forma intrínseca, mas também aliando-o à Academia, por que não realizando um estudo sobre o tema e sobre os sujeitos nele envolvido?

A partir da reflexão acerca da disseminação do conteúdo na Academia, como pesquisa bibliográfica ressalto Thornton (2005) como o principal norte do trabalho propondo os Grupos de Discussão, através dos quais foram realizadas as coletas de respostas que norteavam o trabalho, sendo esse considerado o trabalho de campo. Além disso, Travancas (2013) foi a base para o estudo de produtos editoriais, os quais cito as obras que foram consideradas para a pesquisa de percepções acerca do tema. A escassez e a necessidade de estudos de recepção acerca de livros, os quais ainda não são considerados produtos midiáticos para a indústria, fez com que a pesquisa se reforçasse para o âmbito editorial. Paralelamente a produtos midiáticos, ressalto Silverstone (2002) com o incentivo da importância de estudar a mídia e suas gamificações, as quais se fazem presentes o tempo inteiro nas nossas vidas e são responsáveis pela manutenção do senso social.

O trabalho divide-se em três capítulos, os quais fazem referência ao estudo de percepções através dos Grupos de Discussão, ao mercado editorial e as obras lançadas relacionadas a tragédia de Santa Maria, assim como a tragédia em si, a cobertura midiática e seus agentes de mobilização fundados após o ocorrido, contextualizados no capítulo seguinte.

---

<sup>1</sup> Referência a colega Allana Willers, 18 anos, que cursava o segundo semestre de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, e a Luana Facco Ferreira, 19 anos, que estudava em um curso preparatório para o Vestibular da UFSM, em Santa Maria.

## 1. A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA

Até o presente momento o qual escrevo as linhas deste trabalho, os familiares e amigos de vítimas da tragédia de Santa Maria continuam na luta por justiça. Judicialmente, quatro pessoas respondem por homicídio doloso e o processo criminal ainda está em fase de instrução. A Justiça ainda ouviu depoimentos de testemunhas, mesmo passado mais de 30 meses do ocorrido. Os quatro principais réus do caso, o vocalista da banda Gurizada Fandangueira, o produtor de palco da banda e os dois ex-sócios da Boate Kiss, ainda serão ouvidos pelo Juiz em Novembro e Dezembro deste ano de 2015.

Localizada cerca de 300 km da capital do estado do Rio Grande do Sul, Santa Maria protagonizou um incêndio que atingiu uma das mais famosas casas noturnas da cidade, a Boate Kiss, vitimando 242 jovens e deixando cerca de 700 feridos em 27 Janeiro de 2013. O incêndio foi causado por um sinalizador (artefato pirotécnico utilizado em shows) acendido por um integrante de uma das bandas que estavam se apresentando na casa naquela noite, a banda Gurizada Fandangueira. Estima-se que mais de mil e quinhentas pessoas estivessem dentro da boate no fatídico dia, sendo que a casa possuía capacidade limite de público de aproximadamente setecentas.

No momento do incêndio, diversas pessoas foram impedidas de sair da casa noturna. Os seguranças do local inicialmente não notaram o foco do incêndio, confundindo o tumulto do público com uma briga. O impedimento até então foi feito, para que as pessoas que emergiam pela rápida saída (suposta fuga aos seus entendimentos) pagassem as comandas antes de deixar o interior da Boate. Pela escassa sinalização no interior da Kiss, muitas pessoas confundiram a porta dos banheiros com a porta de saída, fazendo com que a maioria dos corpos encontrados pelos Bombeiros após o incêndio, estivessem nesse ambiente. A maior causa das mortes foi devido a asfixia pela inalação de gás cianeto, decorrente da queima das espumas de isolamento que estavam contidas na estrutura do prédio, espumas essas proibidas para a realização de isolamento acústico. A imprudência, somada a negligência e a falta de segurança, foram consideradas as principais causas da tragédia. A tragédia na Kiss é considerada a quinta maior da história do Brasil, considerando o número de mortes, e a maior do estado do Rio Grande do Sul. Também foi classificada como o terceiro maior desastre em casas noturnas do mundo.

Mesmo passado mais de dois anos, os familiares seguem cobrando medidas de autoridades e manifestando o descontentamento contra a lentidão e a falta de apoio de órgãos públicos. Diversas entidades foram criadas após o acontecimento, fortalecendo assim a união

e a força na busca de novas medidas que atuem de forma íntegra na sociedade. A cobertura da tragédia foi realizada de forma considerável, trazendo jornalistas e veículos de comunicação de diversas partes do estado, do país e do mundo até Santa Maria.

### 1.1 Midiatização da tragédia

Seja em Santa Maria ou em qualquer outro lugar, todos acabaram parando para assistir para onde os olhos do mundo estavam voltados no dia 27 de janeiro de 2013. As poucas informações que surgiam na madrugada daquele dia percorriam as redes sociais e mensagens SMS de celulares. O pedido de socorro feito por uma jovem que trabalhava na boate, as mensagens enviadas por telefone, as ligações. Os vizinhos de parentes ou amigos de vítimas ouviam informações pelo rádio ou por diferentes outros meios, e os repassavam. Levando em conta tais fatores, a tragédia na Kiss acabou sendo vivida de forma “midiatizada”. Foi assim que acabou saindo do âmbito regional para chegar ao nacional e logo após ao mundial. O tema utilizado pelos meios de comunicação, por vezes apelativo, fez com que matérias e edições prosseguissem pelas próximas semanas com um alto índice de audiência.

Sem dúvida, a mídia, em especial a televisão, em que pese o horror representado por esse tipo de acidente, acaba por se aproveitar do acidente para ganhar mais visibilidade: uma tragédia desse tipo representa um tema seguro de que se ocupar para garantir audiência. Tanto isso é verdade que, para além dos programas jornalísticos, as emissoras apostam em versões ficcionais sobre o tema. (DUARTE; CASTRO, 2014, p.35)

É importante ressaltar que a mídia é algo presente e contínuo em nossas vidas, pois é “se nada mais, uma presença constante [...] enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro. Do rádio para o jornal, para o telefone. Da televisão para o aparelho de som, para a internet” (SILVERSTONE, 2002, p. 20). É por meio dela que somos representados, mesmo que de uma maneira moldada, pois ela, dependente do senso comum, acaba filtrando e moldando tais situações que são apresentadas para a manutenção do nosso senso. A partir da reflexão sobre como a mídia encontra-se presente em nossas vidas, podemos analisar o quão também necessitamos dela. Pode-se destacar todas as vezes as quais nos encontramos conversando pelo telefone celular, ou mesmo acessando a internet através dele, enviando mensagens... Ou o quanto passamos o tempo em frente a televisão, lendo jornais ou notícias inclusive em redes sociais.

É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades da experiência. (SILVERSTONE, 2002, p. 12).

Em *Por que estudar a mídia*, Silverstone contextualiza sobre a força de persuasão da mídia e sobre as respostas que cada indivíduo possui sobre o que é veiculado nela, frisando que as percepções são variadas por indivíduo, pelos grupos sociais os quais eles estão inseridos e sobre as experiências individuais de cada um. Assim, nos próximos capítulos, poderemos analisar essas percepções através da visão sobre os produtos editoriais relacionados à tragédia, vista pelos familiares de vítimas.

Ainda não só pela mídia digital, mas também pela analógica, surgem ramificações acerca do tema da tragédia. Considerando o decorrer do tempo, como alguns meses após a tragédia, livros foram lançados abordando o fato, dentre eles, um escrito especialmente para realizar uma reflexão sobre a midiaticização da tragédia e de depoimentos de pessoas envolvidas com o fato, o qual será citado no próximo capítulo. Com o advento da tecnologia, é possível que se criem novas práticas de leitura, as quais podem ser realizadas em distintos suportes. Podemos assim considerar o fato da produção de outra obra relacionada a tragédia, com a temática voltada à academia. Em cunho digital, “Midiaticização da Tragédia de Santa Maria” é uma compilação em um livro eletrônico, de artigos escritos por diversos professores e profissionais da área de Comunicação e afins. Tal obra também será contextualizada no capítulo seguinte.

Realizando uma reflexão acerca das quatro obras, podemos considerá-las, nessa questão, como produtos midiáticos de um acontecimento que marcou a cidade de Santa Maria e o país, apesar de não serem considerados assim, pela indústria cultural. Em um artigo relacionado à temática de recepção e produtos midiáticos, Isabel Travancas considera que são raros os estudos de recepção sobre livros pelo fato de não serem considerados um produto por tal indústria, pelo fato de que as obras atualmente são vistas como apenas um objeto de consumo, ignorando seu real valor de produto intelectual. Desta maneira, a indústria editorial prefere não considerá-lo algo midiático.

É no ato de recepção que se pode analisar a considerável diferença entre receber e interpretar. É a partir das experiências sociais e de vida dos indivíduos que se pode perceber que a teoria da interpretação de sinais como símbolos culturais poderá estabelecer a diferença entre dois modos de recepção (TRAVANCAS, 2013). Desta forma, pode se realizar uma reflexão sobre o quão importante se faz este trabalho em um vasto espaço no qual o campo

editorial está inserido, fazendo com que se possa analisar a relação entre o leitor e a obra lida (podendo considerar inclusive o autor) e a leitura de um modo geral. Os leitores considerados para a presente pesquisa são os integrantes dos agentes de mobilização, os quais são formados por pais e familiares de vítimas, assim como amigos e sobreviventes.

## 1.2. Agentes de mobilização

Após a tragédia ter chocado e destruído centenas de famílias em todas as partes do estado, do país e até fora dele, familiares, amigos e sobreviventes divagavam sobre a necessidade da criação de alguma entidade ou movimento que fortalecesse a união de pessoas envolvidas no caso na busca por respostas ao acontecido, assim como um auxílio aos desamparados e aos sobreviventes da noite de 27 de Janeiro. A primeira entidade a ser criada, surgiu em uma das missas realizada para as centenas de vítimas. Um pai de uma das vítimas contextualizou que naquele dia, sentiu uma imensa vontade de falar. Foi a partir da união dele e dos pais e mães que os apoiaram naquele dia, que surgiu a Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria. Após a fundação da Associação, vários outros movimentos foram sendo criados a partir das datas seguintes, as quais completavam o marco da tragédia ocorrida na Kiss. A seguir, constam todos os agentes de mobilização criados, por ordem cronológica de fundação e/ou formação.

### **1.2.1. Associação dos familiares de vítimas e sobreviventes da tragédia de Santa Maria – AVTSM**

A Associação foi fundada em 23 de fevereiro de 2013 em Assembleia geral ocorrida no Colégio Marista de Santa Maria. Teve como primeiro Presidente, o Sr. Adherbal Ferreira e como vice-presidente o Sr. Leo Becker, ambos pais de vítimas. A Associação aponta que seu objetivo principal é “trabalhar juntos para a recuperação de todos. A experiência do sobrevivente e o sofrimento do familiar são fundamentais para o crescimento da fé verdadeira em um único Deus. Juntos, unimos nossas forças e trabalhamos juntos em nome de nossos filhos.”<sup>2</sup>

Atualmente a Associação passa pela sua segunda diretoria, presidida pelo Sr. Sérgio da Silva, tendo como vice-presidente o Sr. Flávio Silva, ambos pais de vítimas. A AVTSM

---

<sup>2</sup> Descrição na página do Facebook da Associação:< <https://www.facebook.com/www.avtism.org>> Acesso em: 18 nov. 2015.

possui núcleos nas cidades gaúchas de Ijuí, Santo Ângelo, Santa Rosa, Caçapava do Sul, São Gabriel, Alegrete, Manoel Viana e Uruguaiana, e um pequeno núcleo no estado de São Paulo, dirigida por um pai de vítima residente na cidade de Santo André - SP.

### **1.2.2. Movimento Santa Maria do Luto à Luta - Meu partido é um coração partido**

O Movimento foi criado em 27 de fevereiro de 2013 por familiares e amigos de vítimas. Atualmente, a direção é formada por aproximadamente 15 membros, porém, o Sr. Flavio Silva foi o primeiro e é citado como principal. É o Movimento do Luto à Luta que é responsável por manifestos e homenagens ocorridas nos dias 27 de cada mês, como o minuto de barulho realizado na tenda da vigília, localizada na Praça Saldanha Marinho, Centro de Santa Maria. Em sua descrição<sup>3</sup>, consta a frase: “Buscamos união para lutarmos por Justiça!”. Vale considerar que o Movimento é um dos agentes mais ativos atualmente, além da AVTSM.

### **1.2.3. Movimento mães de Janeiro**

Criado cerca de seis meses após a tragédia, o Movimento é formado, em sua maior parte, pelas mesmas mães que compõem a AVTSM, juntamente com outras que decidiram participar apenas deste Movimento. Geralmente são as mães integrantes do Mães de Janeiro<sup>4</sup> que realizavam a limpeza do tapume na fachada da Boate Kiss. São elas também as responsáveis pelas missas que ocorrem nos dias 27 de cada mês.

Descrição: "Mães que perderam seus filhos(as) na tragédia da boate uniram-se em busca de justiça em memória a seus amados filhos(as)".

### **1.2.4. ONG para sempre cinderelas**

Criada cerca de nove meses após a tragédia, em Outubro de 2013, a ONG tem como lema “Transformar a dor em solidariedade”. Mães de cinco vítimas são as responsáveis pela organização não-governamental criada *in memoriam* de Andrielle, Flávia, Gilmara, Mirela e Vitória (no decorrer da realização deste trabalho, uma das mães acabou falecendo, vítima de

<sup>3</sup> Descrição na página do Facebook do Movimento: <<https://www.facebook.com/MovimentoSmDoLutoALuta>> Acesso em 18 nov. 2015

<sup>4</sup> Página do Movimento Mães de Janeiro no Facebook:< <https://www.facebook.com/Movimento-M%C3%A3es-de-Janeiro-701598459855019/?fref=ts>> Acesso em 18 nov. 2015.

pneumonia, deixando as outras quatro mães responsáveis pelo seguimento do trabalho). A “Para Sempre Cinderelas” objetiva auxiliar por meio de doações de alimentos, roupas, materiais escolares, produtos de higiene pessoal, dinheiro, entre outros, instituições carentes e crianças com vulnerabilidade social, propiciando uma infância sadia e uma melhor qualidade de vida<sup>5</sup>.

### 1.2.5. Associação “Ah Muleke!”

Fundada no final do ano de 2013, a Ah Muleke! foi criada em homenagem a Vinícius Montardo Rosado, Rogério Floriano e Danilo Brauner Jaques, por suas famílias. Tem o propósito de trabalhar pelo social, aliando isso a prevenção de novas tragédias.<sup>6</sup> Em Janeiro do ano de 2015, a Associação envolveu-se em uma polêmica ao criar uma “festa homenagem” às vítimas, na data em que a tragédia completava dois anos. Esse fato acabou por deixar a Associação “mal vista” pelos outros agentes de mobilização e pela própria população. O fato foi noticiado em diversos veículos de comunicação, fazendo com que a sociedade criticasse a todos os agentes de mobilização, generalizando-os.

### 1.3. Apoio de atores mobilizados por Cromagñón

Em 30 de Dezembro de 2004, algo semelhante a tragédia na Boate Kiss aconteceu. A discoteca “República Cromagñón”, localizada na região do *Once*<sup>7</sup>, Bairro de *Balvanera* em Buenos Aires (Argentina), incendiou durante o show de uma banda de rock chamada *Callejeros*. O local havia sido inaugurado oito meses antes do acontecido, com um show da mesma banda. A tragédia resultou na morte de 194 pessoas e deixou cerca de 1.400 feridos.

Segundo testemunhas, um dos espectadores do show acendeu um artefato pirotécnico, o qual entrou em contato com a decoração do teto (tela de plástico inflamável). Ao entrar em combustão, o gás nocivo asfixiou centenas de pessoas. O mesmo ocorrido em *Cromagñón*, ocorreu na Kiss: a quantidade de pessoas que se encontravam dentro do local era maior que a capacidade suportada. No dia, cerca de 4.500 pessoas estavam no local, que possuía capacidade para 1.031. Ao perceber o incêndio, o público presente começou a evacuar,

<sup>5</sup> Descrição e mais informações, disponíveis na página da ONG: <<https://www.facebook.com/OngParaSempreCinderelas>> Acesso em 18 nov. 2015.

<sup>6</sup> Mais informações na página da Associação: <<https://www.facebook.com/Associa%C3%A7%C3%A3o-Ah-Muleke-688937544469779/?fref=ts>> Acesso em 18 nov. 2015.

<sup>7</sup> Região assim chamada devido à Estação Ferroviária que o bairro abriga.

porém, uma das saídas encontrava-se fechada com cadeados e já havia ocorrido queda de luz no local devido ao fogo. Os gases tóxicos produzidos pela queima dos materiais inflamáveis contidos no local faziam com que a fumaça, além de atrapalhar a visão dos indivíduos, os asfixiassem rapidamente. Quase todas as mortes foram resultantes da inalação desses gases.

A tragédia em *Cromagñón* causou diversas mudanças políticas e culturais na Argentina. A Legislatura da Cidade de Buenos Aires iniciou um processo de impeachment a Aníbal Ibarra, chefe de governo da época. Para a Legislação, Ibarra era o principal responsável político da tragédia. No julgamento, o chefe de governo acabou sendo destituído e inabilitado por 10 anos, sendo substituído pelo vice-chefe da época. Ao todo, 28 pessoas foram responsabilizadas criminalmente pelo incêndio e desse total, 14 foram presas. A pena mais alta foi concedida a Omar Chabán, gerente da discoteca: 10 anos e 9 meses. Chabán cumpria prisão domiciliar quando faleceu vítima de câncer, em Novembro de 2014, quase dez anos após a tragédia. Entre os condenados ainda estavam os integrantes da Banda *Callejeros*, acusados de soltar rojões na boate com penas de até 7 anos de prisão, e autoridades da polícia e da prefeitura, acusados por falta de fiscalização e omissão. Entretanto, em Agosto de 2014, a Corte Suprema da Argentina aceitou um recurso que visava revisar as condenações. Como resultado, os integrantes da banda e os funcionários do governo acabaram sendo soltos. As famílias lutam para reverter essa situação, dentre elas, a entidade “ONG Familias por La Vida”<sup>8</sup>, criada maioritariamente por mães de vítimas.

*Familias por La Vida* atualmente é composta por pais, mães, familiares e amigos de vítimas. O intuito de formar a organização não-governamental foi o de fazer frente ao corporativismo, o qual, de forma imediata, criminalizou os jovens. Após alguns dias do ocorrido em *Cromagñón*, os pais e familiares de vítimas levantaram o chamado “Santuário” na Rua Bartolomé Mitre, rua na qual se localizava a casa noturna. Ali, todos começavam a realizar encontros para conversar sobre quais medidas tomar para pedir por Justiça. O reconhecimento sobre a necessidade de fundar uma organização surgiu após todos perceberem que a luta a partir daquele dia iria ser longa, desigual e dolorosa, por estarem enfrentando os poderes político, econômico e judicial do país. A ONG cita em sua página na internet que adotou a missão de lutar contra a corrupção e contra a impunidade, exigindo justiça por todos os jovens vítimas de *Cromagñón*.

Após o ocorrido na Boate Kiss, representantes da *Familias por La Vida* estiveram em Santa Maria para conversar com os familiares de vítimas da tragédia. A ideia principal era

---

<sup>8</sup> Informações do site da Associação: <<http://www.familiasporlavid.org.ar/>> Acesso em: 20 nov. 2015.

levar palavras de apoio a todos, inclusive por suas experiências com o ocorrido na Argentina, o qual havia completado nove anos antecedendo um mês do ocorrido na Kiss. No mês de Janeiro de 2014, data em que a tragédia na Kiss completava um ano, mais representantes argentinos voltaram a Santa Maria, no congresso “A Vida em Transformação” organizado e promovido pela Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, com o apoio da Universidade Federal de Santa Maria e do Centro Universitário Franciscano, este último cedendo espaço para a realização do congresso. O intuito no congresso era de expor o trabalho que a ONG da Argentina realizava em Buenos Aires e no país inteiro, dando exemplos para que a Associação do Brasil não desistisse da luta e que continuassem unidos para que outra tragédia como aquelas não se repetisse. No mês de Novembro de 2014, a *Familias por La Vida* organizou um Simpósio de cunho internacional, chamado “Simposio Internacional Sobre Tragédias Evitables - a 10 años de Cromagñón”. O intuito do congresso era debater sobre os 10 anos de luta da ONG, sobre a cobertura da mídia, sobre a situação dos familiares após diversas tragédias ocorridas na Argentina e no mundo. A associação brasileira, a AVTSM, se fez presente no congresso ganhando um espaço para a exposição da situação em que estava o Caso Kiss, assim como a exposição e discussão sobre as semelhanças de ambas as tragédias.

Em Setembro de 2015, a Câmara Federal Argentina manteve a condenação de cinco réus acusados pela tragédia em Buenos Aires, condenando mais sete. A primeira sentença havia saído no ano de 2005, condenando: Raúl Vilarreal (homem de confiança do proprietário de Cromagñón) a 6 anos de prisão; Omar Chabán (gerente da boate) a 10 anos e 9 meses de prisão (o qual faleceu em Novembro de 2014, enquanto cumpria pena domiciliar por estar doente); Fabiana Fiszbin (ex-subsecretária de Controle da cidade) a 4 anos de prisão; Gustavo Torre (ex-diretor adjunto de Controle da cidade) a 3 anos e 9 meses de prisão; e Ana Fernández (ex-funcionária da área de Fiscalização e Controle da cidade) a 2 anos e 10 meses de prisão (onde, na sentença de 2015, teve sua pena reduzida de 3 anos, para a atual). Em 2015, a Câmara condenou a banda *Callejeros*, considerando que os músicos não deveriam ter aceitado fazer show em uma boate superlotada e que já possuía uso frequente de artefatos pirotécnicos pelo público. Em menos de um ano, dois incêndios já haviam sido registrados por esse motivo na *Cromagñón*. A segunda sentença condena: Patrício Fontanet (músico) a 7 anos de prisão; Cristian Torrejón (músico) a 3 anos de prisão; Juan Carbone (músico) a 3 anos de prisão; Maximiliano Djerfy (músico) a 3 anos de prisão; Elio Delgado (músico) a 3 anos de prisão; Daniel Cardell (cenógrafo da banda) a 3 anos de prisão; e Eduardo Vásquez (músico) a

6 anos de prisão (este último já condenado e cumprindo pena em prisão perpétua, por ter assassinado a própria mulher).

Na Argentina, a tragédia conscientizou a sociedade sobre a situação de boates e locais para shows. No Brasil, as leis ainda estão sendo estruturadas, porém já pode-se exemplificar com a Lei Kiss, que visa estabelecer normas de segurança e prevenção contra incêndios no estado do Rio Grande do Sul.

Além das leis criadas para a prevenção de novas tragédias e problemas futuros, produtos editoriais foram criados acerca do tema, os quais serão conhecidos no próximo capítulo.

## 2. PRODUTOS EDITORIAIS CRIADOS APÓS A TRAGÉDIA

Após o surgimento de novas tecnologias e com o desenvolvimento de outras diversas inovações, o mundo editorial começou a se adaptar conforme a evolução dos meios. A indústria editorial brasileira é considerada uma das maiores do mundo neste campo, crescendo na década de 30, época em que o setor livreiro se expandiu após o fortalecimento da nação na Era Vargas. É considerável ressaltar que tais indústrias se aglutinam no Eixo Rio-São Paulo e, fora dessa região, nas cidades de Porto Alegre, Salvador e Belo Horizonte. Atualmente, o país conta com mais de 80 milhões de leitores, e o mercado editorial está crescendo e se profissionalizando conforme o desenvolvimento econômico do país.

### 2.1. AS OBRAS

No espaço de tempo entre a tragédia e a construção deste trabalho<sup>9</sup>, quatro produtos editoriais haviam sido lançados acerca do tema da tragédia de Santa Maria, sendo eles, citados por ordem cronológica de lançamento: “Kiss: Uma Porta Para o Céu”, escrito pelo Padre Lauro Trevisan (Editora da Mente, 2013), “Midiatização da Tragédia de Santa Maria” [recurso eletrônico], organizado pela professora Ada Cristina Machado Silveira (FACOS - UFSM, 2014), “Guerreiros de Santa Maria”, escrito pelo jornalista Paulinho Oliveira (Editora Premium, 2014) e “Nossa Nova Caminhada”, organizado pela jornalista Lidiana Betega (Gráfica Jacuí, 2014). Dentre esses produtos, três são obras impressas e uma trata-se de um e-book, indicado acima como recurso eletrônico. A seguir, cada obra é contextualizada a partir de seu conteúdo.

#### 2.1.1. Kiss: uma porta para o céu

O livro produzido pelo Padre Lauro Trevisan visa acalento às famílias que sofreram a perda dos seus entes queridos na noite trágica de 27 de Janeiro de 2013. A obra possui um cunho totalmente religioso, com passagens bíblicas e reflexões do próprio autor em cima de fatos e da tragédia em si. Logo nas primeiras páginas, o autor fala sobre sofrimento, lágrimas e sobre a chegada dos jovens a outro plano.

---

<sup>9</sup> Considerando a data da tragédia, 27 de Janeiro de 2013 até a data do início do trabalho, em meados de Março de 2015.

Não quero chorar. Segure minhas lágrimas. Não quero que você navegue no meu mar revolto [...] Uma porta fechada, multidões querendo passar, querendo ar, querendo vida, e, de repente, um ser de luz abrindo a porta, abrindo mais e mais, então outros seres iluminados, amorosos, foram chegando com gestos de afago e abraçando cada jovem para o aconchego de um voo inesquecível até a outra porta, a porta do céu. (TREVISAN, 2013, p. 4-5).

Nas páginas seguintes, há um texto e uma reflexão intitulada "Uma porta para o céu", o qual dá nome ao livro. Logo após, o autor ressalta as indagações que todos os familiares, amigos e pessoas que se encontravam consternadas com a tragédia fizeram: o porquê de tudo aquilo ter ocorrido. No decorrer dos textos, misturam-se frases de autoajuda com situações que o próprio autor passou, citando a sua ida ao Ginásio Municipal<sup>10</sup> no dia 28 de janeiro de 2013, onde se encontravam os corpos dos falecidos na tragédia.

Alguns textos foram escritos logo após a tragédia, outros nos dias posteriores, o qual mostra o relato do padre sobre como tudo estaria trinta dias depois do ocorrido.

Uma pausa. Nesse momento em que escrevo esta página, Santa Maria e o mundo lembram o trigésimo dia da tragédia. Vinte e sete de fevereiro. No sétimo dia, houve emocionado minuto de silêncio. Agora, trinta dias depois, a comunidade decidiu um minuto de barulho e de alegria, com sinos badalando, buzinas a toda, canções no ar, abraços na praça, palavras carinhosas aos corações partidos, lágrimas compartilhadas, para lembrar as alegrias que aquela juventude celebrava na noite da boate e marcar o reinício da vida. (TREVISAN, 2013, p.30).

Após ressaltar a dor dos familiares, amigos e da própria sociedade santamariense, Trevisan realiza uma reflexão sobre recomeçar. Nesse texto, frisa que é preciso recomeçar a vida e seguir em frente, que tudo passa, inclusive a dor. Por conseguinte, fala de justiça, onde coloca que não pode haver ódio nem vingança em busca de justiça, e finaliza a primeira parte do livro falando do "além". Na segunda parte de "Kiss: Uma porta para o céu", o autor coloca uma produção de seus textos separados como "Sete lições e dois olhares para a vida", as quais são: A vida é curta; respeito à vida; Deus; reconcilie-se; solidariedade; o milagre; e uma ilusão chamada morte. Para encerrar, o autor reflexiona sobre o sentido da vida e pede para todos aqueles que estão sofrendo, reatarem seus sonhos. Na capa da obra de Trevisan, representada na Figura 01, foi realizada uma alusão a uma porta e ao céu, contemplando a referência do título da obra.

---

<sup>10</sup> O ginásio nomeado como Centro Desportivo Municipal e conhecido como "Farrezão", foi o local para onde os corpos das vítimas fatais foram levados para os familiares realizarem o reconhecimento .

**Figura 01** – Capa do livro “Kiss Uma porta para o céu”



Fonte: < <http://portugues.christianpost.com/news/livro-sobre-incendio-na-boate-kiss-afirma-que-ha-sexo-no-ceu-e-revolta-parentes-de-vitimas-16110/>> Acesso em: 19 nov. 2015

#### 2.1.1.1 Biografia do autor

Lauro Trevisan (81) é um padre, escritor e conferencista brasileiro. Lançou mais de 50 obras, assim como livretos, CDs e DVDs. Tem sido alvo de críticas por parte da Igreja acerca de sua postura e seu patrimônio pessoal. Todas suas obras são do tipo de autoajuda.

Trevisan vem sendo fortemente criticado por ter abandonado a linha tradicional da Igreja e adotar uma espiritualidade "abstrata", a partir de uma "psicologia da mente". É um padre da ordem Palotina da Igreja católica, criador da Editora da Mente a qual se apoia no parque gráfico da Editora Palotina. Estimativas oficiosas relatam que ele teria um patrimônio de R\$ 20 milhões de reais.

#### 2.1.1.2. Polêmicas acerca da obra

Em Abril de 2013, após o lançamento de “Kiss: Uma porta para o Céu”, uma grande polêmica se formou acerca da obra. Assim como noticiado em diversos veículos de comunicação nacionais, o autor sugeriu que haviam vítimas vivas dentro do caminhão que

carregou os corpos para o reconhecimento dos familiares. Em um dos trechos polêmicos, Trevisan diz que após uma “balada celestial”, Deus perguntou aos jovens quais gostariam de voltar para a Terra. Após a pergunta, alguns jovens haviam respondido positivamente e, assim, foram encontrados vivos no caminhão. Trevisan alegou o trecho como uma “forma de linguagem”.

Além desse trecho, houve a sugestão do autor que no céu “existem muitas baladas”, que “há sexo no céu” e que jovens “agonizavam”... "Por que foram ceifados pela morte, sem dó nem piedade, aqueles que se dedicaram, num imenso gesto heroico de solidariedade, a salvar os que agonizavam em meio à fumaça funérea?!" (TREVISAN, 2013). A Associação dos Familiares de Vítimas (AVTSM) entrou com uma ação extrajudicial para que o livro fosse retirado das livrarias. Até o momento da entrada da ação, já haviam sido vendidos mais de 2.000 exemplares. O livro gerou tumulto entre pais e familiares de vítimas, os quais telefonavam para a Associação buscando respostas sobre a suposta chance de que seus filhos estivessem vivos após a retirada dos corpos da Boate Kiss. Trevisan acabou ganhando a ação por “liberdade de expressão”, mas suprimiu alguns trechos os quais acabaram sendo entendidos como ofensivos aos familiares das vítimas, sendo os que falavam das vítimas no caminhão e o que fez referência à fumaça funérea. Vale ressaltar que a Editora da Mente, responsável pela produção, lançamento e divulgação da obra, é de propriedade do próprio autor.

### **2.1.2. Miatização da tragédia de Santa Maria**

A obra foi lançada em versão eletrônica (e-book) no ano de 2014. Foi organizada pela coordenadora do Grupo de Pesquisa “Comunicação, Identidades e Fronteiras” da área de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, prof<sup>a</sup> Ada Cristina Machado Silveira. O e-book conta com 27 autores (vinculados a treze diferentes instituições), sendo 25 do Brasil e dois pesquisadores os quais atuam na Argentina e nos Estados Unidos.

Logo na Apresentação, intitulada “A festa ‘Agromerados’ e a Catástrofe Biopolítica”, a questão proposta sobre a construção do e-book é ressaltada a como atender ao desafio de refletir sobre as circunstâncias que vitimaram 242 pessoas e deixaram mais de 700 feridas na tragédia na Kiss. Durante o decorrer da obra, o estudo sobre a miatização é percebido em artigos sobre a participação do discurso local na cobertura nacional, na articulação entre o local e o global através de jornalistas correspondentes internacionais, assim como sobre a solidariedade direcionada no discurso jornalístico. Há inclusive, uma comparação de

semelhança em relação ao discurso midiático referente a tragédias, com a dos ataques as Torres Gêmeas em Nova York, no ano de 2001.

Apresentada como esforço de pesquisadores vinculados a diversas instituições brasileiras, a organizadora diz que os atuantes no trabalho ficaram empenhados em refletir acerca da tragédia.

Empenhados em refletir sobre o acontecimento trágico, representam um pouco daqueles que não se eximiram de posicionar-se e buscam, à luz de procedimentos científicos, iluminar um pouco a dor individual e coletiva frente ao desatino produzido por uma catástrofe biopolítica de nosso tempo. (SILVEIRA, 2014, p. 29)

A Segunda Parte da obra trata particularmente das mobilizações e desdobramentos midiáticos. É nessa parte que são reunidos os artigos relacionados ao estudo de redes sociais e de como essa plataforma foi presente durante e após a tragédia. Na terceira e última parte são levantadas discussões sobre a catástrofe biopolítica e a narrativas do trágico.

Foi acerca da obra “Midiatização da Tragédia de Santa Maria” que realizei uma exposição aos familiares participantes dos grupos de discussão do presente trabalho. A seleção dos trechos, a metodologia usada e a exposição em si será relatada em breve neste trabalho. Para a capa do recurso eletrônico, foi usada como plano de fundo uma foto da fachada da Boate Kiss protegida pelo tapume o qual continha fotos das vítimas. Vale ressaltar que as fotos relacionadas a fachada, na capa e contracapa da obra, foram apresentadas em preto e branco. A capa está representada na Figura 02. Considera-se ainda o e-book como produto midiático, por se tratar de uma obra que aborda um estudo de cunho científico sobre a ampla midiatização do tema.

**Figura 02** – Capa do e-book “Midiatização da Tragédia de Santa Maria”



Fonte: <<http://w3.ufsm.br/poscom/?p=1816>> Acesso em: 19 nov. 2015.

### 2.1.3. Guerreiros de Santa Maria

Em Guerreiros de Santa Maria, o jornalista Paulinho Oliveira coloca, inicialmente, o motivo pelo qual ele se propôs a escrever o livro, onde conta que viajou de onde reside (Fortaleza, CE) até Santa Maria, RS, para estudar e saber como abordaria os aspectos da tragédia em seu livro. O autor ressalta que foi acolhido com ternura e que pretendia realizar um trabalho totalmente fora do contexto sensacionalista, focando o conteúdo da obra nos Guerreiros de Janeiro (título que Oliveira dá, além das vítimas da tragédia, aos pais, familiares e amigos das vítimas).

Os guerreiros de Santa Maria são, além das 242 vítimas da tragédia, todas as pessoas que ficaram em nosso mundo para tentar conviver com a dor, a saudade, o trauma, a revolta, o luto, a angústia, e para lutar por justiça, como também aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuem para minimizar a dor que assola os santamarienses desde 27 de janeiro de 2013. (OLIVEIRA, 2014, p.7)

Logo após a introdução, Oliveira cita as fontes nas quais se baseou para a produção do livro, sendo elas, na maior parte, meios de comunicação gaúchos, tais como: Jornal Diário de

Santa Maria, Jornal A Razão, Jornal Zero Hora, Revista O Viés e blog do jornalista santamariense Claudemir Pereira; assim como do site da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Wikipédia; relatório final do inquérito do Caso Kiss e a denúncia do Ministério Público. Ressalta ainda que a maior fonte de informações foram relatos (os quais o autor se apropriou), coletados na maior parte via rede social *Facebook*, alguns por telefone e outros pessoalmente. Oliveira ainda agradece aos nomes os quais colaboraram com a construção do livro. Na maior parte, foram pessoas que estiveram envolvidas direta ou indiretamente com a tragédia.

O prefácio da obra foi escrito por Paulo Nunes de Carvalho, pai de vítima e residente em São Paulo. Na introdução, o autor contextualiza sobre a palavra "Guerreiro". A obra contém sete capítulos que falam de etapas as quais os guerreiros passaram e ainda passam. No capítulo 1, "O Batismo dos Guerreiros", Oliveira narra através de fontes da internet, notícias, jornais e alguns relatos de como foi impactante a noite de 27 de janeiro de 2013 para a sociedade santamariense, para o Brasil e para o mundo. A partir da tragédia, os guerreiros estariam "batizados". Posteriormente, no capítulo 2 intitulado "Os Guerreiros e a Angústia", o autor prossegue falando sobre o ocorrido, porém, com um viés de relatos transformados em textos, os quais contam as sensações das pessoas que aguardavam as listas que estariam por sair (lista dos internados nos hospitais, lista dos falecidos os quais encontravam-se no Centro Desportivo Municipal), assim como as perguntas que todos se fizeram após saber que seus entes queridos estavam na lista das vítimas fatais. A angústia é destacada nesse capítulo.

A identificação e, por consequência, a confirmação da morte, entretanto, no lugar de niquilar a angústia dos parentes e amigos, ao contrário, a potencializa. [...] Muitos dos guerreiros que passam a enfrentar essa forma potencializada de angústia têm medo, a princípio, de retornar para suas casas e encontrar o vazio que jamais imaginariam ter um dia. (OLIVEIRA, 2014, p.34-35)

O fechamento deste capítulo é feito em reflexão a todas as pessoas que a partir daquela data trágica, teriam de conviver com a dor, com a saudade, com o sofrimento e a luta. Oliveira ressalta que é preciso haver união para vencer todas as etapas do sofrimento e que a maior homenagem que pode se deixar as vítimas da Kiss é seguir em frente e lutar sem esmaecer.

Mesmo porque sabem ser preciso unir os esforços entre si, para que, juntos, possam enfrentar a angústia e os demais vilões com mais segurança. Porque sabem que, muito embora vençam uma ou outra batalha, a guerra, em si, está apenas começando, sem ter data para terminar. (OLIVEIRA, 2014, p. 37-38)

O capítulo 3 reflexiona sobre o luto, intitulado assim como "Os Guerreiros e o Luto". É neste capítulo que o autor contextualiza sobre o estado de luto dos que perderam seus entes, e fala sobre a criação das entidades de apoio e luta sobre a causa. Cita a fundação da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM) em 23 de fevereiro de 2013, e também a fundação do Movimento Santa Maria do Luto à Luta, em 27 de fevereiro de 2013. Por conseguinte, em "Os Guerreiros e o Medo", assim chamado o capítulo 4, o autor resume os medos que os sobreviventes "adquiriram" após a tragédia e como aquela situação havia mudado os rumos de suas vidas. Além do medo e do trauma de que aquilo pudesse ocorrer novamente, o medo de que aquilo tivesse ocorrido em vão também é citado ao longo do texto, "Afinal, o maior medo que têm os guerreiros de Santa Maria é de que a humanidade tenha perdido o sentido de existir." (OLIVEIRA, 2014, p. 53).

Em "Guerreiros e a Revolta", capítulo 5, consta o resumo do inquérito policial sobre a tragédia e informações sobre a situação do caso no decorrer do tempo. É neste capítulo que Oliveira contextualiza através de relatos e pesquisas via internet, como a população e as entidades se revoltaram contra as decisões tomadas pelo Tribunal em relação ao *habeascorpus* concedido aos quatro réus do caso Kiss que estavam presos até então. Neste capítulo ainda constam informações sobre a ocupação da Câmara de Vereadores de Santa Maria ocorrida no final de Junho de 2013, feita pelo Movimento Santa Maria do Luto à Luta, pela AVTSM e pelo Diretório Central dos Estudantes da UFSM. Finaliza abordando questões políticas do caso Kiss, e cita os vereadores e o prefeito da cidade. No capítulo 6, "Os Guerreiros e a Saudade", o autor cita algumas vítimas fatais, o qual constrói um perfil de cada um baseado nas informações que recebeu de amigos ou familiares durante alguma conversa. Oliveira ainda cita, neste capítulo, a ONG Para Sempre Cinderelas criada por cinco mães de vítimas. As vítimas que o autor descreve no decorrer do texto, são sempre citadas nas notas de rodapé.

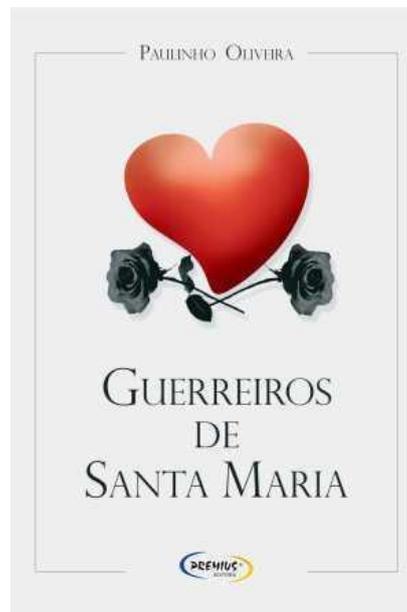
Todos os meses, cada um dos guerreiros ouve o ensurdecedor silêncio de quem deveria estar ao lado, fazendo algum tipo de barulho. O "ah, moleque" característico de um Vinícius. Amigas desde sempre, reunidas, na casa de uma delas, em prol de projetos sociais, ou planejando a próxima festa, discutindo que roupa cairia melhor, como legítimas cinderelas. Uma mulher, com jeitinho de menina, doçura de sobra convertida em amor aos animais. Tantas histórias interrompidas, forçosamente incompletas... (OLIVEIRA, 2014, p.68)

Ainda no capítulo 6, o autor relaciona a tragédia da Kiss com outras tragédias que ocorreram no mundo, como a de *Cromagñón*, ocorrida no ano de 2004 em Buenos Aires, Argentina, a tragédia no *The Station Nightclub*, em 2003 nos Estados Unidos, e a de *Lame Horse*, na Rússia, no ano de 2009. Ele finaliza o capítulo saudando os guerreiros de Santa

Maria, contextualizando assim o início do próximo e último capítulo do livro, o sétimo, intitulado "Aos Guerreiros de Sempre". Nele, consta um poema de sua própria autoria em homenagem às vítimas, aos familiares, aos sobreviventes e amigos. Ao final do livro, constam os nomes das 242 vítimas do incêndio na Boate Kiss, precedendo da frase "Para Sempre".

A capa da obra, referente na Figura 03, faz referência a um coração com rosas pretas, representadas nas fotos dos agentes e em um dos logotipos de um dos deles.

**Figura 03** – Capa do livro “Guerreiros de Santa Maria”



Fonte: [http://www.netserv19.com/ecommerce site/produto\\_126346\\_1599\\_Guerreiros-de-Santa-Maria-Paulinho-Oliveira](http://www.netserv19.com/ecommerce_site/produto_126346_1599_Guerreiros-de-Santa-Maria-Paulinho-Oliveira)> Acesso em: 19 nov. 2015.

#### **2.1.4. Nossa nova caminhada**

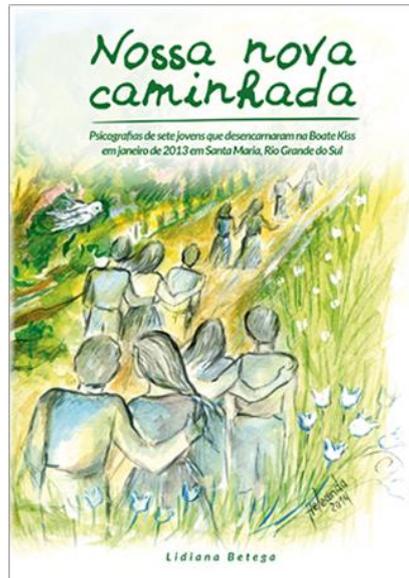
O livro Nossa Nova Caminhada organizado pela jornalista Lidiana Betega no ano de 2014, traz cartas psicografadas de sete jovens que faleceram na noite de 27 de janeiro de 2013, na Boate Kiss. São eles: Daniela Betega Ahmad, Guilherme Pontes Gonçalves, Stefani Posser Simeoni, Leonardo Schopf Vendruscolo, Marcelo de Freitas Salla Filho, Pedro de Oliveira Salla e Melissa Reghelin Berguemaier. Dentre esses jovens, está a sobrinha da jornalista que organizou a obra. As cartas foram recebidas em diversos centros espíritas do país, porém, na maior parte, os que foram levados em consideração no livro foram os recebidos na cidade de Uberaba, Minas Gerais. A autora justifica o título como um resultado de todas as cartas divulgadas no livro, as quais, a partir das mensagens contidas nelas, tais

jovens e familiares poderiam realizar uma "Nova Caminhada". Ao todo, a obra mostra 11 cartas, sendo ressaltado que até o presente momento da publicação do livro, um dos jovens ainda não havia enviado nenhuma carta, mas que estaria enviando recados através das cartas de outro jovem, seu irmão. O valor arrecadado com a venda dos livros, foi destinado para instituições de caridade da preferência de cada família envolvida no livro. A intenção de produzir um livro dentro do tema espiritismo, além de levar o conhecimento da doutrina espírita através das psicografias, foi para que justamente outras famílias que estivessem sofrendo com a perda de seus entes pudessem se unir através da fé e buscar a paz que ela e as famílias que nele estão contido, adquiriram através das mensagens psicografadas as quais receberam.

Acreditamos que através deste livro, podemos alcançar um maior número de pais, que assim como nós, perderam seus filhos no plano físico, mas nunca deixarão de perdê-los espiritualmente, e que estamos unidos através do amor. O amor que nos uniu desde o nascimento e para sempre ligará os nossos laços eternos. (BETEGA, 2014, s.p.)

No livro, consta um capítulo para cada jovem. Em cada um desses capítulos, um familiar ou um amigo escreve uma breve introdução sobre a vida e a convivência com seu ente. Logo após essa introdução, constam as fotos das cartas originais psicografadas seguidas delas descritas. Logo no final da obra, constam fotos da família juntamente dos jovens, e nelas, logo abaixo como legenda, trechos retirados das cartas. Tais trechos remetem as mensagens que os jovens tentam passar aos familiares: tranquilidade e esperança, tais como "Saibam que não nos perderam. Tivemos que ir ali, pensem assim, daqui a pouco nós voltamos, eu e o Pedrinho...". Na nota de agradecimento, consta um parágrafo destinado à desenhista Heleanda Kury que produziu a capa do livro e uma ilustração do interior do livro. A capa, representada na Figura 04, mostra jovens abraçados em um campo verde e florido, os quais aparentemente caminham para um novo rumo.

**Figura 04** – Capa do livro “Nossa Nova Caminhada”



Fonte: <http://www.oliveiro.net/nossanovacaminhada/> Acesso em: 19 nov. 2015.

A partir desses produtos editoriais, a pesquisa segue para analisar a percepção acerca dos conteúdos dessas obras, considerando o seu impacto na sociedade e sobre como a mídia acabou transmitindo a situação. A recepção dos familiares em relação a tais obras são colocadas no capítulo seguinte, formando Grupos de Discussão propostos por Thornton (2005) considerando a importância do pesquisador em estar relacionado com os sujeitos de observação do presente trabalho.

Por se considerar obras de circulação no mercado editorial brasileiro (e até fora dele), faz-se importante ressaltar sobre a preocupação de cada autor proteger o conteúdo o qual reuniu e produziu, sob alguma lei de direito autoral, o qual protege sua produção contra cópias e pirataria, sem a devida referência. A seguir, são elencadas informações referentes aos direitos de propriedades editoriais.

## 2.2. POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Atualmente, a proteção autoral se faz importante na sociedade pela necessidade de que as normas sobre o tema sirvam como elemento de equilíbrio entre os interesses de criadores, autores, dos reprodutores da obra e dos usuários e leitores. Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, o acesso a ferramentas de criação de obras intelectuais acabou se

democratizando, fazendo com que a produção crescesse de forma considerável. Os direitos autorais, mesmo representando a proteção de grande parte do conteúdo e do conhecimento que circula em determinado produto na sociedade, desempenha um papel considerável, pois também servem para promover não apenas a criação, mas como o acesso aos bens culturais. Isso acaba promovendo o enriquecimento cultural.

A Lei do Direito Autoral (LDA) em seu artigo 1º realiza a regulação dos direitos, estendendo-se sob a própria denominação aos direitos do autor e o que lhe é conexo. Na Constituição Federal brasileira de 1988, a proteção dos direitos autorais prevê, expressamente, no artigo 5º, incisos XXVII e XXVIII:

Art. 5º: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...]

XXVII – aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar;

XXVIII – são assegurados, nos termos da lei:

- a) a proteção às participações individuais em obras coletivas e à reprodução da imagem e voz humanas, inclusive nas atividades desportivas;
- b) o direito de fiscalização do aproveitamento econômico das obras que criarem ou de que participarem aos criadores, aos intérpretes e às respectivas representações sindicais e associativas; [...].

Em suma, os direitos autorais são uma mescla do elemento moral (pertinente à personalidade do autor), juntamente com os direitos patrimoniais (poder de explorar economicamente a obra, como mercadoria). “A defesa da cultura faz-se com liberdade, e não com a proibição. A afirmação pareceria desnecessária, mas não é” (LACORTE, 2014). Assim, os direitos intelectuais representam restrições do espaço de liberdade. A sua justificação está no estímulo e recompensa pela criação que o autor realizou.

As obras intelectuais protegidas pela LDA podem ser classificadas das seguintes formas: quanto ao número de autores; quanto ao processo de criação e proteção; e quanto à proteção. Sendo assim, quanto ao número de autores, a obra pode ser: individual, quando possui apenas um autor; quando está em regime de coautoria ou em colaboração, nesse caso quando possui dois ou mais autores; ou de modo coletivo, quando possui vários autores, sendo eles organizados por pessoa física, jurídica ou com participações criativas em uma criação autônoma. Em relação ao processo de criação, a obra pode ser classificada como

originária, quando se trata de criação própria de primeira instância, ou derivada, quando for baseada em outra obra existente. Em relação à proteção, a obra pode estar protegida quando o prazo de proteção dos direitos autorais patrimoniais exclusivos ainda estiverem em curso; ou em domínio público, quando o prazo de proteção dos direitos exclusivos se encerrou.

Quanto aos direitos morais, estão previstos no artigo 24 da Lei 9.610/1998:

Art. 24. São direitos morais do autor:

I – o de reivindicar, a qualquer tempo, a autoria da obra;

II – o de ter seu nome, pseudônimo ou sinal convencional indicado ou anunciado, como sendo o do autor, na utilização de sua obra;

III – o de conservar a obra inédita;

IV – o de assegurar a integridade da obra, opondo-se a quaisquer modificações ou à prática de atos que, de qualquer forma, possam prejudicá-la ou atingi-lo, como autor, em sua reputação ou honra;

V – o de modificar a obra, antes ou depois de utilizada;

VI – o de retirar de circulação a obra ou de suspender qualquer forma de utilização já autorizada, quando a circulação ou utilização implicarem afronta à sua reputação e imagem;

VII – o de ter acesso a exemplar único e raro da obra, quando se encontre legitimamente em poder de outrem, para o fim de, por meio de processo fotográfico ou assemelhado, ou audiovisual, preservar sua memória, de forma que cause o menor inconveniente possível a

seu detentor, que, em todo caso, será indenizado de qualquer dano ou prejuízo que lhe seja causado.

Sendo assim, os direitos morais do autor são considerados indisponíveis, intransmissíveis e irrenunciáveis, devido ao seu caráter de “essencialidade”. O direito moral acaba se tornando perpétuo, inalienável, imprescritível e irrenunciável. Esses direitos se referem à personalidade do autor, e surgiram após os direitos patrimoniais.

O vínculo entre autor e obra dado pelo direito moral é uma ligação de identificação indissolúvel, pois o que se protege no direito autoral de personalidade é a autenticidade, ou seja, a correta delimitação da autoria da criação, o estabelecimento verdadeiro da designação do real criador da obra (LACORTE, 2014, p. 69)

### **2.2.1. Direitos aplicados aos produtos editoriais**

O Artigo 184 do Código Penal Brasileiro visa advertir sobre a proteção da propriedade intelectual. Ou seja, essa Lei acaba protegendo a obra e seu conteúdo, e sua violação seria entendido como citar ou copiar tudo o que não foi expressamente autorizado pelo autor, como por exemplo, citar trecho para uma crítica. Para isso, no caso de citação e reprodução parcial, o autor do livro teria de ser citado. A lei se aplica as obras impressas Kiss: Uma porta para o céu, Nossa Nova Caminhada e Guerreiros de Santa Maria.

Na página da ficha catalográfica de “Kiss: Uma porta para o céu”, consta o Copyright para o autor Lauro Trevisan e os “Direitos reservados: pode transcrever textos, desde que cite obra e autor”. Na página da ficha de “Nossa Nova Caminhada”, consta que a autora Lidiana Betega é proprietária do Direito Autoral e que o livro está com todos os direitos reservados. “É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A Lei nº 5.988/73, regula os direitos autorais e o Código Penal brasileiro estabelecido no artigo 184 penalidades para quem infringir a lei”. Em “Guerreiros de Santa Maria”, é colocado apenas o copyright ao autor na ficha catalográfica.

Ainda sobre o Artigo 184 da Constituição, observa-se:

Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos:

Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa.

1º Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente.

Pena – reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

2º Na mesma pena do 1º o incorre quem, com o intuito de lucro direto ou indireto, distribui, vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire, oculta, tem em depósito, original ou cópia de obra intelectual ou fonograma reproduzido com violação do direito de autor, do direito de artista intérprete ou executante ou do direito do produtor de fonograma, ou, ainda, aluga original ou cópia de obra intelectual ou fonograma, sem a expressa autorização dos titulares dos direitos ou de quem os represente.

Pena – reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa.

3º Se a violação consistir no oferecimento ao público, mediante cabo, fibra ótica, satélite, ondas ou qualquer outro sistema que permita ao usuário realizar a seleção da obra ou produção para recebê-la em um tempo e lugar previamente determinados por quem formula a demanda, com intuito de lucro, direto ou indireto, sem autorização expressa, conforme o caso, do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor de fonograma, ou de quem os represente:

Em relação a obra digital “Midiatização da Tragédia de Santa Maria” se aplica a Licença Creative Commons - Atribuição Não Comercial - Sem Derivações CC BY-NC-ND.

“Todas as licenças Creative Commons têm em comum muitas características importantes. Todas as licenças ajudam os criadores — a quem chamamos de licenciantes, se utilizam os nossos instrumentos — a manter o seu direito de autor e os seus direitos conexos, ao mesmo tempo que permitem que outras pessoas copiem, distribuam e façam alguns usos do seu trabalho — pelo menos, para fins não comerciais. Todas as licenças Creative Commons são aplicáveis em todo o mundo e duram o mesmo prazo que o direito de autor e/ou os direitos conexos aplicáveis (porque têm por base o direito de autor e/ou os direitos conexos). Estas características comuns constituem a forma de base. Os licenciantes podem depois optar por acrescentar autorizações adicionais, quando decidem de que forma pretendem que o seu trabalho possa vir a ser usado.”

A partir da análise e da reflexão realizada acerca dos direitos autorais relacionados aos produtos editoriais que serviram de estudo para a presente pesquisa, foi realizada a busca de uma metodologia que acompanhasse cada produto, considerando a importância da mídia e o estudo sobre os sujeitos que percebem-na, colocados no próximo capítulo.

### 3. METODOLOGIA E ANÁLISE

A partir de reflexões realizadas acerca de minha colocação em relação aos agentes, assim como os objetivos de pesquisá-los juntamente dos produtos editoriais, uma série de considerações foram levantadas a partir de autores os quais ressaltam a importância de estudar a mídia, a importância de realizar estudos sobre percepções de obras, assim como a análise sobre a observação participante e formação de Grupos de Discussão. Toda a metodologia levantada foi considerada a seguir.

#### 3.1. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Considerando-me integrante de um dos agentes de mobilização, intitulado “Movimento Santa Maria do Luto à Luta”, pode se contextualizar sobre a apreciação e a importância do investigador estar em interação com os sujeitos em observação e estudo. Para a observação participante, o pesquisador necessita estar em contato direto com os atores sociais, pois segundo Correia (2009, p. 31) tal observação “é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais nos seus contextos culturais”, assim reforçado por Thornton (2005) sobre a importância do investigador estar inserido no meio ao qual irá realizar um projeto, pela facilidade que irá encontrar para a aplicação do trabalho devido ao grau de afinidade com os atores estudados. Essa observação ainda remete a metodologia usada no presente trabalho, a qual fundamenta-se em grupos de discussão propostos pelo último autor citado, já que os grupos seriam formados por integrantes dos grupos agentes de mobilização, e a observação participante propunha designar o trabalho de campo no seu conjunto.

Bogdan e Taylor (1975) definiram Observação participante como uma investigação caracterizada por interações sociais intensas, entre investigador e sujeitos, no meio destes, sendo um procedimento durante o qual os dados são recolhidos de forma sistematizada. A expressão “Observação Participante” tende ainda, de acordo com Lapassade (2001), a designar o trabalho de campo no seu conjunto, desde a chegada do investigador ao campo de pesquisa, quando inicia negociações para conseguir acesso a este e se continua numa visita prévia, com o reconhecimento do espaço ou campo de observação (CORREIA, 2009, p. 31)

Além disso, a observação participante faz referência ao papel de observador, o qual tem de compreender os diferentes tipos de participação. Há ainda de se colocar em questão que o observador participante tem de estabelecer diferenças entre espectador e ator, pois este

último há de possuir participação total na realização do projeto. Os objetivos traçados na realização do projeto devem permitir a identificação dos sentidos produzidos durante a realização e aplicação da metodologia no estudo de campo, assim como a orientação e a dinâmica de cada momento. Um dos papéis do observador, ainda dito por Correia, é de ser o principal responsável, além da dinâmica do grupo, de recolher os dados e interpretá-los.

### 3.2. EXPOSIÇÃO DE APOIO

Como elemento de sensibilização para os familiares componentes dos grupos de discussão montados a partir da metodologia proposta por Thornton, foi criada uma exposição acerca do tema com trechos do e-book “Midiatização da Tragédia de Santa Maria”. O e-book foi lançado em 2014 e organizado pelo grupo de Pesquisa “Comunicação, Identidades e Fronteiras”<sup>11</sup>, coordenado pela professora Ada Cristina Machado Silveira.

Inicialmente, realizei um levantamento de todos os artigos contidos no e-book organizado pela prof<sup>a</sup> do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. O levantamento consistia em ler todos os artigos e selecionar trechos mais significativos de cada artigo, o qual haveriam de possuir relação com a importância da cobertura realizada com a mídia, assim como o da comunicação e as consequências políticas e sociais da catástrofe. Não somente essa importância poderia ser considerada, mas também, metodologicamente, a de haver relação e complemento com as perguntas que formariam a discussão dos Grupos compostos pelas entidades criadas a partir da tragédia. Após a seleção dos trechos, eles deveriam ser reclassificados para se adequar a um número possível de frases que iriam compor os banners que formariam a exposição.

Feito isso, a seleção acabou por fechar em 32 trechos. Logo após, eles foram repassados a prof<sup>a</sup> orientadora Ada, que é coordenadora do Grupo de Pesquisa. A partir daí, os trechos foram repassados aos integrantes que trabalharam na construção do e-book. Os 32 trechos deveriam ser avaliados como mais significativos e menos significativos. Vale ressaltar que o Grupo de Pesquisa é composto por jovens, também estudantes de Comunicação Social.

Após a avaliação dos integrantes do Grupo de Pesquisa, realizei mais um levantamento. Desta vez, teria que observar quais foram os trechos que foram avaliados como

---

<sup>11</sup> Mais informações no site do Grupo de Pesquisa do Departamento de Comunicação Social da UFSM: <<https://comunicacaoeidentidades.wordpress.com/>> Acesso em 20 nov. 2015.

os mais e menos significativos, analisando sua posição na tabela de avaliação e comparando as avaliações de cada integrante. A seleção de 32 trechos, passou a ser composta por 9, os quais foram colocados em três banners para a montagem da exposição. Além dos banners compostos por três trechos em cada, referentes nas figuras abaixo, Figura 05, Figura 06 e Figura 07, mais um foi idealizado com um texto escrito pelo pesquisador e com fotos as quais fazem referencia as duas tragédias (a de Santa Maria, Kiss; e a de Buenos Aires, Cromagñón). Neste último, representado na Figura 08, pode se notar a comparação, realizada em fotos, entre as semelhanças de ambas as situações. A exposição foi criada com o intuito de ser um elemento de sensibilização acerca de uma obra a qual os integrantes dos grupos de discussão não possuíam tanto conhecimento quanto as outras três. Por ser um livro científico e extenso, o público o qual foi pesquisado não possuía tanto esclarecimento acerca da obra por ela não fazer parte da proximidade de suas culturas.

**Figura 05** - Primeiro banner da exposição sobre o e-book

“ Uma mensagem emitida de um celular para redes sociais, vinda de uma jovem que estava na boate, anunciando o incêndio na casa de diversão, é o primeiro marco que dá ao evento uma materialidade discursiva e, segundo racionalidade de midiaticização. Ocorre a partir daí o desencadeamento de um fluxo que faz migrar o acontecimento de uma cidade da região central do Rio Grande do Sul para esfera planetária. O pedido de socorro ecoa pelas plataformas digitais, mas são os sinais de fogo, emitidos da boate, que mobilizam taxistas que trafegavam na imediação da Andradas, 1925 (local do incêndio), para a criação de uma cadeia de comunicação e de ajuda, envolvendo várias formas de auxílio, na prestação dos primeiros socorros junto às vítimas. ”

“ [...] É preciso um mínimo de preparo para entender que uma tragédia não produz apenas cenas de desespero, mas também, e muito frequentemente, a paralisia do choque [...]. A aparente 'calma' de uma pessoa afetada por tragédia não quer dizer rigorosamente nada: 'cada vítima lida com a tragédia à sua maneira, e, embora haja alguns padrões recorrentes, é impossível para o jornalista avaliar, em campo e sem treinamento, o efeito do choque' ”

“ Observa-se que a data de 27 de janeiro, assemelha-se, discursivamente, ao ataque às torres gêmeas em Nova York, que ficou conhecido como o 11 de setembro. [...] O que é da esfera do sofrido estará em permanente tensão com aquilo que foi espontâneo ou intencional. A intencionalidade ou a espontaneidade da tragédia é suspensa, momentaneamente, para dar lugar ao que se sente, ao que se sofreu e ao que atingiu profundamente os sujeitos. Neste sentido, é pela ação trágica que a responsabilidade do agir será destacada historicamente no tempo e dará a dimensão da condição humana como agente produtor de transformação. Assim, a tragédia revela-se no terror e na culpabilidade que nos submergem quando, através da inexorável progressão do drama, vem à nossa consciência o que não gostaríamos de ter vivenciado. ”

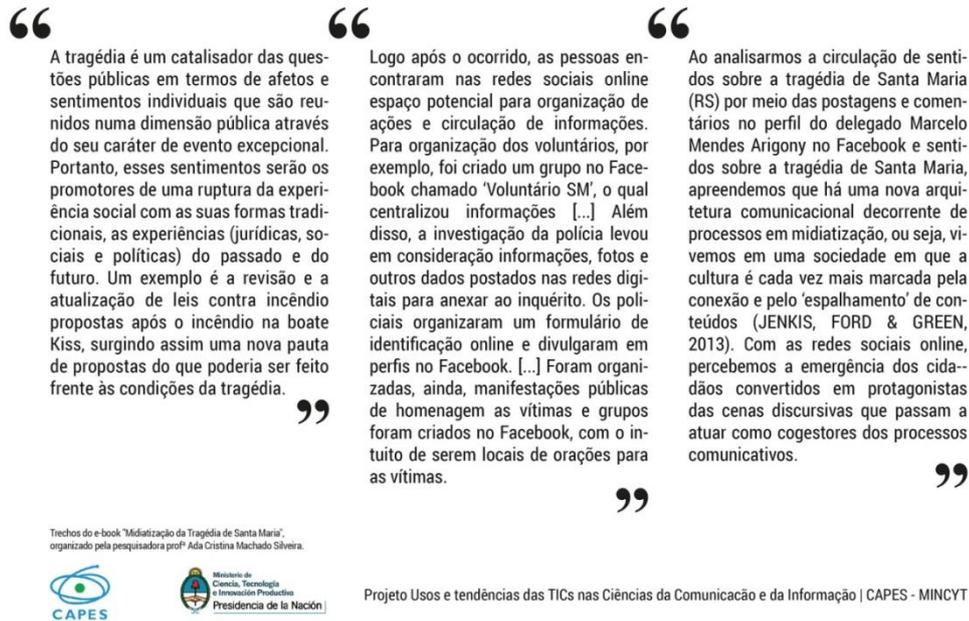
Trechos do e-book "Midiaticização da Tragédia de Santa Maria", organizado pela pesquisadora profª Ada Cristina Machado Silveira.

Projeto Usos e tendências das TICs nas Ciências da Comunicação e da Informação | CAPES - MINCYT

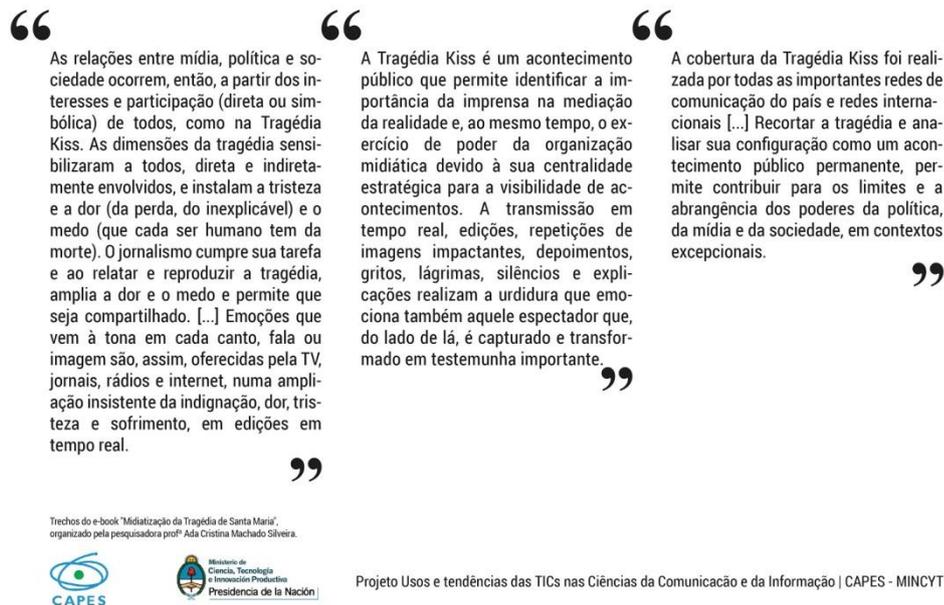
Fonte: Arte gráfica realizada por Bibiana Silveira

**Figura 06** - Segundo banner da exposição sobre o e-book



Fonte: arte gráfica realizada por Bibiana Silveira

Figura 07 - Terceiro banner da exposição sobre o e-book



Fonte: arte gráfica realizada por Bibiana Silveira

Figura 08 - Quarto banner da exposição sobre o e-book

“

Assim como em Santa Maria, em 27 de Janeiro de 2013, em Buenos Aires, na noite de 30 de Dezembro de 2004, centenas de pessoas foram vítimas de dois similares acontecimentos. A luta no Brasil é a mesma na Argentina. Seja ela feita pelo Movimento do Luto à Vida, seja feita pela ONG Familias por La Vida. Ambas situações foram alvo de uma gama considerável de notícias. O mundo inteiro parou para ver a cobertura que a mídia realizou sobre a perda de tantos jovens. Acontecimentos como estes possuem várias faces, e assim [...] É preciso um mínimo de preparo para entender que uma tragédia não produz apenas cenas de desespero, mas também, e muito frequentemente, a paralisia do choque [...] A aparente 'calma' de uma pessoa afetada por tragédia não quer dizer rigorosamente nada: cada vítima lida com a tragédia a sua maneira, e, embora haja alguns padrões recorrentes, é impossível para o jornalista avaliar, em campo e sem treinamento, o efeito de choque". ”

Trechos do e-book 'Mediatização da Tragédia de Santa Maria', organizado pela pesquisadora profª Ada Cristina Machado Silveira.



Kiss. Créditos: Dartanhan Figueiredo



Cromagñón. Créditos: André Polga

“

As famílias dos dois países ainda lutam pelo fim da impunidade. A mídia, mesmo que com um empenho menor, ainda tenta fomentar discussões sobre o assunto, para que o que aconteceu não caia no esquecimento. Exemplos da Kiss e de Cromagñón são deixados à sociedade, para que cidadãos se conscientizem de seus direitos e deveres. A tragédia é um catalisador das questões públicas em termos de afetos e sentimentos individuais que são reunidos numa dimensão pública através do seu caráter de evento excepcional. Portanto, esses sentimentos serão os promotores de uma ruptura da experiência social com as suas formas tradicionais, as experiências (jurídicas, sociais e políticas) do passado e do futuro?". ”

Projeto Usos e tendências das TICs nas Ciências da Comunicação e da Informação | CAPES - MINCYT

Fonte: arte gráfica realizada por Bibiana Silveira

### 3.3. Formação dos grupos de discussão

Os grupos focais e de discussão começaram a ser realizados durante a segunda Guerra Mundial para avaliar a propaganda militar. Desde então, esta técnica acabou por se expandir nas ciências sociais e no mercado em geral. Segundo Thornton (2005, p. 14) “seu propósito é obter informações de natureza qualitativa de um número limitado de pessoas”. Existem diferentes propósitos para o uso de grupos para o estudo que pretende se realizar. No caso deste trabalho, o qual busca realizar um parâmetro das percepções de familiares de vítimas acerca dos produtos editoriais criados sobre a tragédia de Santa Maria, o grupo mais indicado é o Grupo de Discussão ou Grupo Nominal, o qual justifica Thornton (2005, p. 15) os propósitos da escolha de tal grupo, indicado a “aqueles que estão orientados a conhecer intenções, percepções e condutas sobre determinados problemas”.

Os fatores operativos e substantivos são um desafio na realização do trabalho, e vão desde o tipo de convocação e locais de reunião, até a capacidade de conseguir realizar uma dinâmica grupal adequada para se conseguir resultados relevantes. Outro desafio encontrado no decorrer do estudo foi a escolha dos perfis que compunham os grupos realizados, os quais estão elencados mais adiante. A construção de um grupo, segundo o autor, tem de variar de oito a dez componentes, porém, em situações como a deste trabalho, o qual possui como um

dos objetos o de trabalhar com uma “sociedade civil, comunitário-participativa ou voluntariada”, o tamanho ideal de grupo é entre seis e oito pessoas. Entretanto, por se tratar de um estudo realizado com entidades que possuem integrantes de diferentes pensamentos e ideais, apesar de se tratar do mesmo tema, faz com que dificuldades e reflexões surjam no decorrer das escolhas. Os traços de personalidade, os fatores socioeconômicos e o grau de instrução de cada indivíduo faz com que o grupo se torne heterogêneo nesses fatores. A reflexão e a tensão inicial encontrada na pesquisa se dá pelo fato de que, componentes de distintas entidades, as quais possuem ideais distintos, acabem colidindo e rebatendo opiniões, colocando em risco o grupo montando, tornando-o com pouco grau de compatibilidade. Segundo o autor, esse grau se faz importante para que haja fluência na discussão acerca do tema que se pretende estudar. “Os estudos mostram que, em geral, os grupos com alto nível de compatibilidade desenvolvem suas atividades com maior efetividade, porque não se requer tanto tempo e energia em consolidar e manter o grupo” (THORNTON, 2005, p.30). Além disso, a coesão e as tendências ascendentes também influem na comunicação grupal.

Outro fator que deixou-me em conflito na pesquisa, foi a influência interpessoal. O fato de estar inserido em um dos agentes de mobilização e apoio aos pais e sobreviventes, fez com que a relação com a maioria dos envolvidos de distintas entidades fosse construída gradativamente desde Janeiro de 2013 até a data presente da realização do trabalho. Tal fator impulsionou diversas reflexões e dúvidas acerca da construção dos grupos e da relevância da aplicação da metodologia de Thornton acerca das pessoas as quais, até então, possuía influências. Será que pelo fato de eu estar incluído nesse “nicho”, os componentes escolhidos para formar os grupos, por serem conhecidos, fariam suas percepções reais ou acabariam por transitar para algo mais ameno, a fim de não polemizar na pesquisa? Mesmo com critérios plausíveis para a escolha da metodologia, como fala R. Krueger (1991 apud THORNTON, 2005, p. 46) “os grupos de discussão são válidos se utilizados cuidadosamente para estudar um problema em que seja apropriado utilizar a técnica”, a dúvida ainda era um conflito a ser resolvido. Porém, a influência que causou receio acabaria por se tornar um complemento e até um ponto positivo acerca da construção do grupo, pois “conhecê-las é necessário para se criar um clima de discussão” (THORNTON, 2005, p. 30). Conclui-se a partir daí que, quem conhece o pesquisador e possui uma boa relação interpessoal, logo fará com que sua contribuição para a pesquisa seja totalmente relevante e fluente. Em suma, entende-se que a realização dos grupos de discussão com membros das entidades organizadas em torno ao tema da tragédia permitirá conhecer as percepções dos entrevistados sobre as quatro obras produzidas numa situação de apoio grupal.

A técnica escolhida para aplicação e realização do trabalho, foi a qualitativa, por implicar na busca de dados e observações acerca de gravações e registros e ser um modo de investigação social. O interesse em estudar algo de maneira qualitativa se faz pelo fato de querer conhecer algo como ele é, e não considerar seu número em quantidade. Logo, a “investigação qualitativa estuda as coisas em seu ambiente natural, tratando de entender ou interpretar os fenômenos em termos do significado que lhe dão as pessoas envolvidas” (THORNTON, 2005, p. 40). Há de se ressaltar que, na técnica qualitativa não há uma atividade linear e deve se levar em conta os fatores do moderador do grupo e dos componentes dele, assim como cita J. Olabuénaga (1989 apud THORNTON, 2005, p. 40) “não somente se observam e gravam os dados, mas se configura um diálogo permanente entre o observador e o observado, entre indução (dados) e dedução (hipóteses)”. Para o uso e aplicação da técnica de Grupos de Discussão, fatores como clareza de propósitos, ambiente apropriado, perguntas apropriadas e participantes apropriados são totalmente influenciáveis no processo e na qualidade da construção da pesquisa. A pesquisa qualitativa busca o sentido e o significado, ao contrário da técnica quantitativa que busca sua conduta efetiva.

Para a construção das perguntas que seriam aplicadas nos grupos, foram levadas em conta as considerações feitas por Thornton como perguntas introdutórias, de transição e perguntas-chave, aliando ao trabalho realizado para a construção da exposição de apoio, considerando a seleção dos trechos relevantes para exposição. Sendo assim, sete perguntas foram formuladas: as três primeiras podem ser consideradas perguntas introdutórias, a quarta uma pergunta de transição, e as três seguintes e últimas, perguntas-chave.

### **3.3.1. Perfil do grupo**

Para preservação dos nomes reais dos integrantes das Associações e Movimentos, foram criados nomes fantasias. Em relação às informações sobre cada um, tais como idade e profissão, foram mantidas as reais informações. Foram convidadas a participar dos grupos de discussão, cinco entidades de mobilização, citadas no capítulo 2 deste trabalho: Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, Movimento Santa Maria do Luto à Luta, ONG Para Sempre Cinderelas, Movimento Mães de Janeiro e Associação Ah Muleke!. Todas as entidades responderam ao contato realizado de imediato, porém, uma não participou, informando não disponibilidade de tempo e alegando que não possuía boa aceitação por parte das outras entidades. Ao todo, onze integrantes

fizeram parte de dois distintos grupos de discussão. São enumerados quatro participantes da AVTSM, três do Movimento Mães de Janeiro, dois da ONG Para Sempre Cinderelas e dois do Movimento Santa Maria do Luto à Luta.

### **GRUPO 1**

- Joana, 51 anos, mãe de vítima. Secretária administrativa. Integrante do Movimento Mães de Janeiro.
- Jussara, 51 anos, mãe de vítima. Dona de casa. Integrante da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM).
- Marina, 50 anos, mãe de vítima. Artesã. Integrante da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM).
- Marelisa, 56 anos, mãe de vítima. Dona de casa. Integrante do Movimento Mães de Janeiro.
- Marisa, 52 anos, mãe de vítima. Dona de casa. Integrante do Movimento Mães de Janeiro.
- Sandro, 51 anos, pai de vítima. Militar da Reserva. Integrante da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM).

### **GRUPO 2**

- Carmem, 37 anos, mãe de vítima. Advogada. Integrante da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM).
- Iara, 42 anos, mãe de vítima. Dona de casa. Integrante do Movimento Santa Maria do Luto à Luta.
- Janete, 57 anos, mãe de vítima. Dona de casa. Integrante do Movimento Santa Maria do Luto à Luta.
- Lúcia, 45 anos, mãe de vítima. Confeiteira. Integrante da ONG Para Sempre Cinderelas.
- Vania, 53 anos, mãe de vítima. Dona de casa. Integrante da ONG Para Sempre Cinderelas.

### **3.4. Execução dos grupos de discussão**

O primeiro Grupo de discussão foi formado através de um convite enviado para todas as entidades. Em primeira instância, a Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, a AVTSM, foi a que aceitou montar um grupo de imediato. O presidente em atividade no período da realização deste trabalho, sugeriu-me que me dirigisse

até a sede da Associação em um dos dias da semana o qual os familiares se reunissem para a confecção de peças de artesanato, uma espécie de oficina que é ministrada aos integrantes da Associação. A partir disto, foi agendada a data de 1º de Setembro de 2015 para a reunião do grupo.

Neste dia, os banners confeccionados para a exposição de apoio foram colocados nas paredes da sala sede da Associação<sup>12</sup>. Os presentes que formaram o grupo saíram da sala onde estava sendo ministrada a oficina, para observar os banners. Logo após, regressaram até a sala onde se daria início a conversa. O Grupo 1 foi formado por seis familiares, sendo três integrantes da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria (AVTSM): Jussara, Marina e Sandro; e três integrantes do Movimento Mães de Janeiro: Joana, Marelisa e Marisa. Na sala a qual estava acontecendo a oficina de artesanato, ainda estavam presentes uma avó e uma mãe de vítima que escolheram não participar do grupo. Entretanto, mesmo não querendo participar da pesquisa, ambas prosseguiram no ambiente referido e, durante a realização do grupo, esboçavam reações contraditórias as perguntas realizadas ao grupo, mas sempre se mantendo caladas.

Algumas dificuldades surgiram no decorrer da realização do grupo, tais como: pelo fato de estarem confeccionando peças de artesanato, algumas das mães de vítimas usavam uma espécie de secador de cabelo para realizar a secagem da tinta aplicada a caixas de madeira, atrapalhando assim, com o barulho do aparelho, a gravação da conversa (realizada com um celular) e inclusive o andamento das respostas de quem estava respondendo; por se tratar de uma época em que os acontecimentos ao redor da Associação estarem efervescentes<sup>13</sup>, a imprensa local acabou por chegar decorridos aproximadamente quinze minutos da realização do grupo, fazendo com que um dos integrantes se retirasse do grupo para conversar com os repórteres; resalto ainda uma exaltação antes do início das perguntas ao grupo, onde uma das mães integrantes da Associação de Vítimas se contrapôs a uma integrante do Movimento Mães de Janeiro, dizendo que não concordava com o nome do Movimento (a qual ela havia sido convidada a participar), e tal exaltação fez com que uma delas quase não se pronunciasse durante a conversa. Salvo essas questões, o grupo fluiu de forma natural, espontânea e por vezes com certa ansiedade, relatada e transcrita nos anexos do trabalho.

---

<sup>12</sup> A sede da AVTSM está localizada no prédio da antiga Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria, na Rua Floriano Peixoto, 1184, Sala 601, Centro de Santa Maria, RS.

<sup>13</sup> Na época da realização do Grupo, alguns pais estavam sendo processados pelo Ministério Público por calúnia.

Em segunda instância, o segundo grupo foi formado de forma mais tranquila e mais rapidamente. O contato com as outras entidades já havia sido realizado. Optei por reunir o grupo em meu apartamento, por fatores de melhoramento de logística a todas as participantes. O segundo grupo foi formado por cinco mães de vítimas, sendo duas integrantes do Movimento Santa Maria do Luto à Luta, duas integrantes da ONG Para Sempre Cinderelas e uma integrante da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, AVTSM. A Associação Ah Muleke! havia sido convidada a participar da reunião do Grupo 2.

A dificuldade relatada na execução do segundo grupo foi o fato de uma das mães estar com o tornozelo engessado. Porém, sem esmaecer, a participação foi concluída com êxito e foi fundamental na formação do grupo. O segundo grupo não teve contato físico com os banners da exposição de apoio, pelo fato de terem sido doados à AVTSM e estarem alocados na referente sede, mas o pesquisador expôs as fotos com os conteúdos dos mesmos, disponibilizando-os no computador para sua reprodução. A conversa com o grupo foi realizada na tarde de 8 de Setembro de 2015, uma semana depois da reunião do grupo anterior. As conversas com os grupos foram gravadas e constam-se transcritas nos anexos deste trabalho.

### **3.5. Análise e interpretação de dados**

A primeira pergunta realizada aos dois grupos, busca saber de um modo geral, qual a importância de falar sobre a tragédia. Essa questão apresentou as seguintes respostas e concepções de um modo em geral, entre os integrantes do grupo: “o falar sobre, acaba sendo de extrema importância para que a tragédia não caia no esquecimento e principalmente para que não ocorra com outras pessoas. Para que as vidas perdidas na tragédia não tenham sido em vão.” Algo importante que também foi ressaltado no grupo, foi a questão da prevenção de problemas futuros ou situações parecidas como a ocorrida na boate Kiss<sup>14</sup>. A discussão a partir daí, entrou em um viés de questões atuais, sendo citadas algumas situações que as próprias mães presenciaram pós-tragédia, de estarem em locais que não cumpriam com as regras da legislação e do plano de prevenção contra incêndio. Com isso, sabendo quem eram, avisaram-nas sobre essa situação, causando indignação. Outros participantes ainda frisam que

---

<sup>14</sup> No decorrer da realização dessa pesquisa, um site de denúncias foi criado para, justamente, evitar com que novas tragédias similares à de Santa Maria ocorressem. Se chama “Nunca mais Kiss” disponível em <<http://www.itolerancia.com.br/nmk/>> Acesso em 13 nov. 2015.

é importante falar sobre a tragédia até que a Justiça preste um esclarecimento sobre o caso. Também foi ressaltado que, apenas pelo fato de falar sobre o assunto, a tragédia acaba se tornando um feedback da sociedade, percebendo quem está a favor ou contra o caso ou aos próprios movimentos, ou seja, o ponto de vista da sociedade em relação aos agentes e aos próprios pais. O fato do resgate de lembranças foi citado. Com isso, uma das mães contextualizou sobre o sentido de resgatar momentos bons que os filhos deixaram através dos amigos que atualmente convivem com os pais das vítimas. Concluíram que falar sobre e pensar a respeito do assunto, acaba dando um novo sentido para a vida.

A segunda pergunta, ainda de forma introdutória aos participantes do grupo, buscava saber qual era a relação entre cada Movimento e Agente de mobilização, de uma forma geral, com a mídia. O Movimento Mães de Janeiro assim como a Associação dos Familiares de Vítimas ressaltou que a relação do grupo com a mídia é ótima, que esses agentes sempre procuram a mídia e que ela os atende e os apoiam. Frisaram nessa pergunta que é extremamente necessário “ter a mídia”, pois senão a tragédia já haveria caído no esquecimento. A mídia acabou se tornando uma forma que a tragédia e esses agentes de mobilização sejam lembrados. O Movimento Santa Maria do Luto à Luta fez uma alusão, dizendo que a mídia tem certo “respeito” a ele. Seus integrantes falaram que, quando chega o dia 26 de cada mês, a mídia contata o grupo para saber quais homenagens e atividades serão realizadas no dia 27. Uma das integrantes da ONG Para Sempre Cinderelas rebateu essa resposta, dizendo que o que o Movimento via como respeito, não passava de ibope procurado pelos veículos, e que muitas vezes a mídia “os usam”. E da mesma maneira que a mídia “usa” esses Movimentos, eles deveriam aprender a usá-la, pois considerou de extrema importância que a mídia esteja sempre presente nas manifestações. A mesma integrante ainda elogiou e ressaltou que os repórteres, enquanto cobriam tais manifestos e ações, sempre foram imparciais.

A ONG Para Sempre Cinderelas alegou que a mídia é de extrema importância para a Organização, pois foi e é através dela que o grupo alcança as pessoas e divulga o trabalho realizado. Divulgação essa, ressaltada como forma de mostrar como o trabalho surgiu: através das cinco amigas que faleceram na Kiss. Uma das integrantes disse que é uma das formas que elas têm de mostrar que suas filhas “não eram umas quaisquer”, rebatendo os comentários que surgiram após a tragédia, os quais insinuavam que quem estava na Boate encontrava-se sob o efeito de drogas. Na discussão com o segundo grupo, essa pergunta acabou abrindo um gancho para outra, quando uma das integrantes citou que a reportagem veiculada na mídia depende da edição. Perguntei então, se o grupo acreditava se os editores realizavam uma

edição diferente quando se tratava da ONG, da maneira que realizavam a edição de uma matéria sobre a tragédia. Uma das mães relatou sua percepção de manipulação por parte da mídia: “quando somos Movimento, somos achincalhados, quando somos ONG, somos endeusadas”. Ressalto que, algumas integrantes da ONG também integram o Movimento Luto à Luta. A partir daí, as mães citaram frases e insinuações as quais ouvem, onde algumas pessoas acabam chamando-as de “baderneiras”, alegando que são responsáveis por pixações e de “gritar palavrões” em manifestos.

A terceira e última pergunta introdutória, visava saber a percepção dos grupos sobre a importância da mídia em relação a tragédia. O primeiro grupo de discussão, formado pelas Mães de Janeiro e pela Associação dos Familiares ressaltou que a mídia é de extrema importância e que devia dar mais atenção e cobertura ao caso, pois segundo uma integrante do primeiro agente de mobilização, quanto mais o tempo passa, mais decresce o interesse da mídia em relação ao caso. Para o Movimento Luto à Luta, ela é importante para fazer a tragédia cair no esquecimento, contrapondo a questão do sensacionalismo. O segundo grupo ainda ressaltou que a mídia é importante, porém perigosa.

A próxima pergunta foi colocada como pergunta de transição entre a introdução e as perguntas-chave que norteiam este trabalho. A quarta pergunta buscou saber se através da mídia, o tema e os conteúdos a respeito da tragédia tornaram-se mais conhecidos. No primeiro grupo, foi alegado que a tragédia, sem dúvidas, foi disseminada pela mídia, mas que os livros tiveram uma maior divulgação via redes sociais e internet. O segundo grupo teve a mesma resposta do primeiro, porém algumas integrantes consideraram que alguns livros tornaram-se conhecidos através da mídia pela polêmica que causaram (pós-lançamento).

A primeira pergunta chave visou saber a percepção sobre a midiaticização de uma forma mais geral: “A cobertura e a mobilização da mídia contribuíram para a compreensão do acontecimento? A mídia conseguiu passar os reais fatos para o Brasil e para o mundo?”

No primeiro grupo, uma das integrantes do Movimento Mães de Janeiro disse que não acompanhou a midiaticização nas datas próximas a tragédia. Ressaltou que apenas dois meses depois, viu alguma notícia na televisão, e que após um ou dois anos foi procurar os vídeos que circularam e que estavam disponíveis na internet. Essa mãe disse que não gostou da forma com que alguns telejornais apresentaram as notícias sobre tragédia, citando como exemplo que um deles, mais precisamente da Rede Bandeirantes, usou uma foto de plano de fundo no telão a qual os corpos das vítimas estavam deitados no estacionamento em frente a Boate Kiss. O sentimento de repúdio dessa mãe foi pelo fato de que seu filho estava ali, na foto, e relata como um horror ter visto esse tipo de representação na televisão. Ressaltou que esse

tipo de ênfase na mídia é desnecessária, e que poderiam apenas ter mostrado a foto ao invés de usá-la como plano de fundo. Outra mãe relatou que possui uma pilha de jornais guardados em sua residência, uma espécie de dossiê do Caso Kiss. Confessou que em alguns momentos teve curiosidade em olhar as fotos pra ver se enxergava seu filho em meio as vítimas, porém disse que os deixa guardados pois a gera revolta. Outras ressaltaram nessa pergunta que não tiveram curiosidade em acompanhar a mídia. Ainda, uma das integrantes do Mães de Janeiro citou um problema que teve com uma publicação na versão online do Jornal gaúcho Zero Hora, o qual colocou uma foto do caixão de seu filho com sua namorada debruçada. O contato com o jornal foi imediato, que acabou retirando a foto em instantes. Alguns dias depois, a foto estamparia a capa da Revista Veja.

No segundo grupo, todas as integrantes da ONG Para Sempre Cinderelas ressaltaram o sensacionalismo da mídia em relação a midiaticização da tragédia. Foi levantada a questão de que os veículos não se preocuparam com os sentimentos dos familiares e a desnecessidade de explorar as redes sociais dos jovens para construir sensacionalismo com o que foi dito por eles. Um exemplo dado, foi da rede social Twitter onde uma das jovens havia publicado de forma “literal” que, na noite da festa Aglomerados<sup>15</sup>, eles iriam “destruir a Kiss” (no contexto da expressão, significava que os jovens iriam se divertir muito). Em seu programa na emissora Rede TV!, a apresentadora Sonia Abrão usou de uma edição inteira para comentar as frases publicadas por essa jovem, filha de uma das integrantes do segundo grupo, e de outros jovens que também foram vítimas da tragédia e que haviam publicado frases “sugestivas” e de “premonição” ao ponto de vista da apresentadora. Essa mãe ressaltou que acabou se tornando neurótica em relação ao *Twitter* e que ficava lendo todas as noites o que a filha havia publicado durante anos. Outra mãe, também integrante da ONG, relatou seu saber da existência de muitos meios de comunicação que vivem de ibope e de sensacionalismo, sem se preocupar com quem está por trás disso. Ela abriu a seguinte questão: “Até quando a mídia pode fazer isso?”. Ressaltou que se sentiu exposta de forma demasiada, que viu as imagens do momento em que havia saído do Centro Desportivo Municipal após reconhecer o corpo de sua filha. Disse que estava impactada e que uma repórter pediu uma declaração a ela, e como estava em tal situação, não percebeu e simplesmente passou pela menina. A mãe defende que não permitiu que sua imagem fosse usada para veiculação naquele momento e acusa falta de respeito por parte da mídia.

---

<sup>15</sup> Aglomerados era a festa que ocorria na Kiss na noite do incêndio. Tinha esse nome, pois foi organizada pelos estudantes do curso de Agronomia, juntamente de Pedagogia, Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A partir daí as outras integrantes começam a divagar sobre as cenas que “correram o mundo”, a cena de alguns meninos com machados nas mãos, tentando quebrar as paredes da fachada da Kiss para que a fumaça tivesse vazão e para que eles tivessem a chance de salvarem mais vidas; a cena dos jovens abanando os outros com camisetas, alguns já deitados na rua, tentando respirar, outros sem vida. Porém, uma das mães fechou com uma questão que acabou não sendo respondida pelo grupo: “Será que a gente tem condições de reclamar da mídia e do jornalismo?” (VÂNIA).

A segunda pergunta chave buscava saber qual era a relação entre as integrantes dos agentes de mobilização e as obras lançadas. No primeiro Grupo de Discussão, uma das mães não hesitou em dizer que o livro “Guerreiros de Santa Maria” foi uma cópia da internet, e que é uma cópia exata de tudo o que a mídia noticiou. Um dos pais indagou o que o autor quis fazer referência quando disse “Guerreiros”, e ainda completou, ironicamente, que Trevisan em “Kiss: Uma porta para o céu” estava em “outra dimensão” quando escreveu o livro. A discussão começou a tomar forma acerca dessa obra, quando foi dito que Trevisan não procurou os familiares para escrever o livro, muito menos para pedir desculpas após as polêmicas. Foi questionado onde a “religião” era abordada no livro, já que o autor era Padre e que intitulava o livro como autoajuda religiosa. Uma das integrantes ainda disse: “Não sei se ele escreveu o que viu ou o que ele acha que aconteceu, é indefinida a coisa. Ele teve a intenção ou não teve a intenção? Essa é a pergunta.” (JOANA). Para as outras mães do primeiro grupo, os livros foram publicados para tirar vantagem em cima do tema, beneficiando os próprios autores. Em exceção, citaram o e-book entendendo-o como uma forma de estudo realizado pela Academia. Sobre o “Nossa Nova Caminhada”, o grupo preferiu não se manifestar, respeitando os que acreditam no Espiritismo, por se tratar de um livro nessa temática.

Para o segundo grupo, o livro de Trevisan teve uma repercussão negativa que acabou beneficiando o próprio autor, já que após as polemicas, o número de publicações vendidas subiu consideravelmente. Uma das mães, formada em Direito, alegou que cabia danos morais do autor aos familiares, e que sequer o autor foi humilde para se retratar diante dos pais. Uma das mães citou que “a Kiss encheu o bolso de muita gente.”. Abriram também exceções ao e-book, alegando que o “acadêmico segue uma linha não tendenciosa”. Em suma, concluíram que as obras serviram apenas para autopromoção de seus autores, assim como benefícios lucrativos.

A última pergunta chave e última de ambas as discussões, foi a pergunta que buscou saber a percepção entorno de todos os temas discutidos, ou seja, a midiaticização da tragédia e

os produtos editoriais produzidos a partir do tema. Foi ela: “O lançamento e a divulgação dos livros, assim como a grande mobilização da mídia em torno da tragédia, seriam fatores que ajudariam a combater o não esquecimento do tema?”. No primeiro grupo, foi ressaltado que tem de haver uma separação entre a mídia e os livros. Uma das integrantes frisou que os livros foram feitos para autopromoção. Outra integrante complementou que acompanhou o lançamento do “Midiatização da Tragédia de Santa Maria” e que tal obra se fazia interessante por estudar a mídia e a cobertura da tragédia. Em conclusão, ressaltaram que apesar de estar falando pouco sobre o tema, a mídia ajuda no combate do silenciamento.

O segundo grupo acabou respondendo paralelamente ao primeiro. Disse que a mídia ajuda a combater o não esquecimento do tema, mas que os livros não faziam o mesmo papel. Consideraram que atrapalharam, que desuniram muitos grupos de familiares. Nessa questão, foi contextualizado o fator do “acreditar” e “não acreditar” no tema, fazendo referência ao Espiritismo tratado em “Nossa Nova Caminhada”. A alegação no grupo, foi de que o grupo de mães que lançou o livro não está focado totalmente na busca de Justiça, e que elas respeitavam a escolha de tal. Uma delas ressaltou que a forma de buscar Justiça é indo até a tenda da vigília, montada na Praça Saldanha Marinho, espécie de memorial. Para concluir a análise de dados, resalto a resposta de uma das mães em questão de divisão Mídia x Livros: “Eu vejo que a mídia atrapalha quando a gente busca justiça, querem desmoralizar e desmotivar todo esse movimento em busca de justiça. Nesse sentido atrapalha. E os livros também, porque quando os jovens estavam lá dentro, não tinham legenda política, religião... Quando eles foram pro caixão, ninguém foi por religião... Ninguém morreu por causa de religião nem por legenda. Então a mídia atrapalha nesse sentido. Quando impõe uma religião ou uma doutrina. Atrapalha quando uma pessoa tenta ganhar ibope e dinheiro em cima da nossa dor. Atrapalha quando vem uma carta psicografada lá de não sei onde, sem respeitar o meu sentimento, sabe? Porque estão usando de um artifício que eu não permiti [...] Então a mídia ajuda no lado do sensacionalismo pra que não haja o esquecimento. Mas ela nos atrapalha quando fere a nossa luta e os nossos sentimentos.” (VÂNIA).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confere-se a esta pesquisa, as percepções de familiares de vítimas fatais da tragédia ocorrida na Boate Kiss em Santa Maria - RS, acerca dos produtos editoriais lançados no intervalo de tempo entre os anos de 2013 e 2015. A pesquisa acabou abrindo uma série de reflexões para os sujeitos os quais estão inseridos nos agentes de mobilização e que fizeram parte dos Grupos de Discussão realizados na pesquisa. Como a mídia pode influenciar com uma determinada edição e quais são seus empoderamentos, foram questões que tornaram-se abertas a discussão fora do âmbito do trabalho.

As percepções foram entendidas como negativas a três dos quatro produtos editoriais, sendo eles os três livros impressos. Acabou salvo o outro produto, recurso eletrônico construído dentro da Academia e que visava analisar a cobertura que a mídia realizou entorno da tragédia, assim como os seus impactos na sociedade.

Considerando a proposta da pesquisa, sendo ela construída a partir de Grupos de Discussão e ressaltando a consideração do livro como um produto midiático, as questões colocadas foram concluídas de forma que acabaram relevando que os produtos editoriais objetivaram apenas o lucro e a autopromoção dos próprios autores, assim como o destaque da mídia em seu recorrente sensacionalismo. Sendo assim, os três livros impressos tiveram um retorno negativo dos familiares de vítimas integrantes dos grupos, considerando ainda que as obras foram construídas sem o consentimento das famílias, usando integrantes das mesmas como sujeito “personagem” dos produtos editoriais. Vale ressaltar a questão dos direitos morais: um dos produtos editoriais foi considerado uma “cópia” de tudo que havia disponível sobre a tragédia na Internet. O Autor acabou se apropriando de discursos com familiares e integrantes de agentes de mobilização, citando nomes (inclusive das vítimas). O livro está protegido sob Direitos Autorais pertencentes ao Autor, mas reflexiona-se a situação dos direitos morais dos “familiares-personagens” dessa obra, assim como aos nomes das vítimas citados.

Fora as considerações apontadas nos Grupos de Discussão, vale considerar a importância social do livro, sendo ele responsável pela disseminação de conteúdo, considerando não só o tempo atual, mas o futuro próximo, assim como o molde social o qual se aplica aos seus leitores e “espectadores”.

A mídia acabou sendo considerada importante para que o tema não caia no esquecimento, o qual é o principal objetivo dos agentes de mobilização desde a data do

ocorrido na Boate Kiss. A tensão que eu possuía ao anteceder a realização dos Grupos de Discussão foi totalmente aniquilada após analisar que falar sobre a mídia é algo que acaba por afetar menos o lado sentimental dos familiares, quando se trata de falar da tragédia. A bibliografia atendeu totalmente as expectativas, dando um norte essencial principalmente no trabalho de campo realizado.

Por fim, considero válidas as observações realizadas pelos familiares acerca das obras lançadas sobre a tragédia, as quais referem-se sobre a falta de dinamismo, de respeito aos sujeitos os quais não estão mais presentes e aos que continuam na busca por Justiça. É válido ressaltar que a mídia possui um papel importante para a disseminação de conteúdo, considerando assim um meio com grande empoderamento para fazer com que a tragédia não seja esquecida, algo enfatizado na luta dos agentes de mobilização. Apesar do sensacionalismo demasiado citado pelos integrantes dos grupos, considero com isso que o veículo de comunicação o qual fez uso de tal ação usou essas ferramentas para fazer com que a notícia perpassasse o âmbito informativo e torne-se algo que chame a atenção da sociedade, para que ela busque e faça as cobranças necessárias aos seus representantes e responsáveis por qualquer tipo de situação negligenciada.

Entende-se que um Trabalho de Conclusão de Curso não consegue dar conta de buscar todas as respostas no âmbito de recepção e percepções, o qual foi ressaltado no momento em que as discussões dos grupos abriam uma gama para diversos outros temas de interesse. Em suma, sinaliza-se uma questão para um posterior estudo, o qual poderá abordar quais foram as representações e os significados, tanto dos sujeitos envolvidos na tragédia e seus agentes de mobilização, quanto á temática em si.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AH MULEKE. Disponível em <<https://www.facebook.com/Associa%C3%A7%C3%A3o-Ah-Muleke-688937544469779/?fref=ts>> Acesso em 18 nov. 2015.

ASSOCIAÇÃO DOS FAMILIARES DE VÍTIMAS E SOBREVIVENTES DA TRAGÉDIA DE SANTA MARIA. Disponível em <<https://www.facebook.com/www.avtsm.org>> Acesso em: 18 nov. 2015.

BETEGA, Lidiana. **Nossa Nova Caminhada**: psicografias de sete jovens que desencarnaram na Boate Kiss em janeiro de 2013 em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Santa Maria: Gráfica Jacuí, 2014.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem** Vol. 13 N.º 2 2º Semestre de 2009. Disponível em: <[http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009\\_13\\_2\\_30-36.pdf](http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf)> Acesso em 28 jul 2015.

COSTA, Leticia. Punições por incêndio em boate argentina encorajam brasileiros. **Zero Hora**, 30 dez 2014. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/12/punicoes-por-incendio-em-boate-argentina-encorajam-brasileiros-4672349.html>> Acesso em 10 jul 2015.

Creative Commons br - Sobre as licenças. Disponível em <<https://br.creativecommons.org/licencas/>> Acesso em 18 nov. 2014.

ECO, Umberto; CARRIERE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FAMILIAS POR LA VIDA. Disponível em <<http://www.familiasporlavida.org.ar/>> Acesso em 20 nov. 2015.

Glaydson.com Consultoria Advocatícia - Pirataria: Explicando o Artigo 184 do Código Penal. Disponível em <<http://glaydson.com/2010/12/pirataria-explicando-o-artigo-184-do-codigo-penal/>> Acesso em 18 nov. 2015.

LACORTE, Christiano. **A proteção autoral de bens públicos literários e artísticos** [Recurso Eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes/paginas-individuais-dos-livros/a-protecao-autoral-de-bens-publicos-literarios-e-artisticos>> Acesso em 18 nov. 2015.

MOVIMENTO MÃES DE JANEIRO. Disponível em <<https://www.facebook.com/Movimento-M%C3%A3es-de-Janeiro-701598459855019/?fref=ts>> Acesso em 18 nov. 2015.

MOVIMENTO SANTA MARIA DO LUTO À LUTA. Disponível em <<https://www.facebook.com/MovimentoSmDoLutoALuta>> Acesso em 18 nov. 2015.

OLIVEIRA, Paulinho. **Guerreiros de Santa Maria**. Fortaleza: Premium, 2014.

ONG PARA SEMPRE CINDERELAS. Disponível em < <https://www.facebook.com/OngParaSempreCinderelas>> Acesso em 18 nov. 2015.

SILVEIRA, A. C. M. (org.) **Mediatização da Tragédia de Santa Maria** [Recurso Eletrônico]. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2014.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

THORNTON, Ricardo. **Grupos de Discussão**. Grupos Focais. Metodologia. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro como produto midiático e os estudos de recepção**. Revista Contracampo, v. 26, n. 1, ed. abril, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. P. 87 – 105.

TREVISAN, Lauro. **Uma porta para o céu**: a tragédia da boate Kiss de Santa Maria e os 241 jovens sacrificados. Santa Maria: Editora da Mente, 2013.

REPÚBLICA Cromañón. In: **Wikipédia**: A Enciclopédia Livre. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/República\\_Cromañón](https://pt.wikipedia.org/wiki/República_Cromañón)> Acesso em: 10 jul 2015

TRAGEDIA de Cromañón. In: **Wikipédia**: A Enciclopédia Livre. Disponível em <[https://es.wikipedia.org/wiki/Tragedia\\_de\\_Cromanon](https://es.wikipedia.org/wiki/Tragedia_de_Cromanon)> Acesso em: 22 out 2015

ZOLIN, Deni (2015). “Justiça mantém condenação de 12 réus pelas 193 mortes em incêndio da boate Cromañón”. **Diário de Santa Maria**, 23 de setembro de 2015. Acesso em: 22 out. 2015.

## ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO

Grupo 1, realizado em Santa Maria-RS, na sede da Associação dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria, na Terça-Feira, dia 1º de Setembro de 2015.

Primeira pergunta realizada: **“Qual a importância de falar sobre a tragédia?”**

(Sandro) “Para mim, a importância de falar sobre a tragédia, é para que ela não caia no esquecimento... Para que isso não caia no esquecimento e para que essas vidas não sejam em vão, dos nossos filhos e dos nossos familiares. E que quanto mais você fala sobre o assunto, você previne no futuro outros problemas e outras situações parecidas.”

(Marelisa) “Para mim, é como o Sandro falou, para não cair no esquecimento, não quero que fique no esquecimento, enquanto a verdadeira justiça, entre aspas, sair. Enquanto essa justiça não realizar um esclarecimento, não pode cair no esquecimento, inclusive para não acontecer de novo, né? Eles não vão voltar, infelizmente não tem como nossos filhos voltarem mais, mas que isso não venha a acontecer com nossos sobrinhos, com quem tem filhos, com os netos, com as outras pessoas.”

As respostas foram seguidas de um breve silêncio, interrompido pelo moderador:

(Moderador) “Alguém tem mais alguma colocação?”

(Joana) “Acho que eles já falaram, a resposta é praticamente a mesma.”

(Marina) “A resposta é a mesma!”

Segunda pergunta realizada: **“Qual a relação de vocês, com a mídia? Em relação as entidades... Qual a relação da Associação (AVTSM) e do Mães de Janeiro, com a mídia?”**

(Joana) “Olha, a nossa relação com a mídia, eu acho que é ótima, né? Nós como ‘Mães de Janeiro’ sempre que precisou, fomos sempre apoiados... E a gente sempre também procurou.”

(Marelisa) “Quem tem que falar é o Sandro... Mas eu acho também que sempre fomos apoiados.”

(Joana) “A gente acha necessário... Aliás, extremamente necessário, ter a mídia. Senão aí sim, cai no esquecimento. Se sai alguma coisa, a gente é lembrado, se ninguém fala, a coisa some mesmo.”

Terceira pergunta realizada: **“Qual a importância da mídia em relação a tragédia?”**

(Joana) “Eu acho que é de máxima importância... De máxima importância! E acho que eles deviam de dar mais cobertura ainda. Acho que eles deviam procurar mais, estar sempre mais envolvidos...As vezes é a gente que tem que procurar, como os negócios da medicação, né? O Sandro, por exemplo... Mas aí tu tem que ligar pra mídia, pra mídia dar uma notícia. Quanto mais o tempo vai passando, mais vai passando o interesse deles. Eu acho. Eu acho que tudo que envolve a tragédia... Eu acho que eles deviam sempre estar aqui na Associação, né, perguntando coisas, acompanhando. Alguns pais foram até Brasília e eu não vi nada na mídia, né?”

(Marelisa) “Aham” (fazendo menção, concordando)

(Joana) “Nada nada, né? E lá foram tratados assuntos bem importantes.”

(Marelisa) “Se a gente não chamar, eles não vem até nós.”

(Joana) “A gente sempre tem que procurar... Sexta, quando fomos no Ministério Público, pra entregar umas assinaturas, eu pedi para outro pai ligar pro pessoal da imprensa, eu disse: ‘liga, porque temos que noticiar, porque isso vai ser uma resposta ao que a gente tinha feito antes’, e se a gente não noticiar, tu acha que alguém ia dar importância? Ninguém não ia estar nem aí pra nós.”

(Jussara) “Exatamente assim, sempre temos que procurar...”

Quarta pergunta realizada: **“Voces acham que através da mídia, o tema da tragédia e o conteúdo, por exemplo os livros, se tornam mais conhecidos?”**

(Joana) “É, foi através da mídia que foi mais conhecido... Mas eu acho que na parte dos livros, foi a rede social.”

(Marelisa) “Só que tem livros que não dá pra querer, né...”

Neste momento, houve um início de excitação e exaltação de algumas integrantes em relação a algumas obras.

(Marina) “Eu acho também, sobre esses livros...”

(Marelisa) “Tem livros que não dá pra querer, não sei de onde tiraram essas coisas”

(Joana) “Calma, Marelisa.”

Quinta pergunta realizada: **“A cobertura e a mobilização da mídia contribuíram para a compreensão do acontecimento? Ou seja, a mídia conseguiu realmente passar os reais fatos para o Brasil e para o mundo?”**

(Joana) “Essa pergunta eu só posso te responder o seguinte: eu fui ver qualquer coisa um mês depois, e muito pouco. Televisão eu não assisti, jornal eu não li, e também a rede social eu fui ter um contato mais tarde ainda, uns dois meses depois é que eu fui ver alguma coisa. Então pelo o que eu vi depois... Depois de um ano, dois anos, que eu fui procurar vídeos e coisas, eu acho que eles mostraram até demais. Eu vi um telejornal que o meu filho está morto na frente da Kiss, eles fizeram todo um jornal, a Band fez uma edição do jornal, com a foto dele atrás assim, no telão, eu achei um horror aquilo. Eu não gostei daquilo, eu acho que tem coisas que não deveriam, sabe... Claro, que televisão, jornal e revista tem que mostrar, mas tem coisas ali que tem pais que nunca viram... E ali nessa parte do meu filho, tem um monte de gente perto, até tem um menino e uma médica examinando, e tem pai e mãe que não deve nem ter visto isso... Então eu acho que tem partes que não eram necessárias, eles poderiam ter feito diferente, podiam ter mostrado uma foto, nesse caso, no meu caso. Mostrado, e não ter usado como uma tela de fundo. Se tu olhar no Google, aquela imagem continua ali, então, a gente...”

(Marelisa) “Eu acho que, na mídia eu fui ver muito tempo depois. Na época eu não queria nem enxergar.”

(Joana) “É, eu acho que depois de um tempo na gente, vai surgindo uma curiosidade, meio que natural da pessoa, da gente, né? E alguém vai te falando assim: ‘ah, tu viu tal coisa?’, ‘Tu leu isso?’, ‘Tu não leu?’, e eu fui me interessando, eu, né. Eu respondo por mim.”

(Marelisa) “Eu tenho lá em casa uma pilha de jornais, todos de 2013. Tenho todos daquele dia, até fechar o ano.”

(Marisa) “Eu também tenho, inclusive a Zero Hora e a Folha de São Paulo.”

(Joana) “Eu também tenho muitos jornais, mas tem coisas que eu nem li, eu só peguei o jornal mesmo... Tem uma reportagem de uma revista... Da Revista Época que eu não...”

(Marelisa) “Eu deixo todos os jornais guardados, porque se eu pego pra ler, eu acabo ficando mais revoltada... E tinha momentos que eu queria ver se eu enxergava meu filho lá, caído, como estava o da Joana, né... Eu tentei abrir uns vídeos, mas eu não consegui ver, não conseguia olhar, e eu me desesperava mais. Então tem coisas que, como se diz, é melhor nem ver, e nem saber.”

(Joana) “Uma coisa que eu fui fazer, foi ir na delegacia e pegar as fotos, isso eu peguei. Mas fotos daquela noite anterior, sabe? Todas de antes, tenho duzentas e poucas fotos, e eu achei meu filho. A gurizada tirava fotos né, mas tudo antes. As que tem depois, eu não quis ver...”

Tem lá também e já foi uma mãe ver, diz que é horrível. A esposa do Sandro quer ir lá ver também, mas eu não tenho curiosidade de ver isso.”

(Marina) “Eu também não, não tenho curiosidade nenhuma. Aqueles vídeos que tem na internet, eu não abri nenhum. Eu nunca olhei.”

(Marisa) “Alguns passaram da conta, né? Eu tive que ligar pra Zero Hora e pedir pra eles tirarem uma foto que foi publicada no Jornal e na versão online. No outro dia já não estava mais.”

Sexta pergunta realizada: **“Qual a relação entre vocês e as obras lançadas?”**

(Joana) “Aí tem problema (risos), aí tem problemas! O Guerreiros de Santa Maria, aquele, é uma cópia exata de tudo o que a mídia noticiou.”

(Sandro) “Ele deu umas opiniões lá...”

(Joana) “Ele não escreveu, ele disse isso.”

(Sandro) “Nesse livro dos Guerreiros, ele não falou de guerreiro nenhum. Ele não cita nada de guerreiro nesse livro. E outra coisa, esse livro não foi escrito, foi uma cópia. E não vejo citação nenhuma de guerreiros, quem são esses guerreiros nesse livro? E aquele livro do padre, ele... Ele fez esse livro quanto estava em outra dimensão”

(Marelisa) “(risos) Não houve procura”

(Joana) “Ele não procurou ninguém... Eu não sei o que ele escreveu sobre religião e nem o motivo. Não sei se ele escreveu o que viu ou o que ele acha que aconteceu, é indefinida a coisa. Ele teve a intenção ou não teve a intenção? Essa é a pergunta”

(Jussara) “Ele quis tirar vantagens... Os livros foram feitos pra se promover em cima da tragédia, fora o livro eletrônico que tem os trechos nos banners e que serviu de estudo. Esses livros não fizeram diferença, e esse padre extrapolou... Ouvei falar que algumas coisas que ele escreveu eram verdades, aquilo de que tinha gente viva no caminhão... Uma vizinha minha me contou, e disse que tinham contado pra ele. Então não se sabe até onde as coisas são de verdade ou de mentira. E pra mim ninguém perguntou nada, se podia ou não escrever.”

(Marelisa) “Nem pra mim, não perguntaram pra ninguém.”

(Sandro) “E sobre o Nossa Nova Caminhada eu acho que a Marisa é a mais habilitada a falar...”

(Marelisa) “Eu prefiro nem comentar”

(Marisa) “Eu acredito na vida espiritual, mas não acredito que ele tem que me mandar resposta de que está bem. Tem coisas por trás, coisas embutidas para impressionar. Médiuns que psicografavam, realmente, era o Chico Xavier. Chico é Chico. Esse é o meu pensamento.”

(Joana) “Nesse livro de espiritismo eu acho que a gente não pode comentar, porque tem gente que acredita... A maioria das mães ali, acredita. Então se faz bem pra elas, a gente tem que respeitar. Eu não tenho nada contra.”

Sétima pergunta realizada: **“O lançamento e a divulgação dos livros, assim como a grande mobilização da mídia em torno da tragédia, seriam fatores que ajudariam a combater o não esquecimento do tema?”**

(Joana) “Eu acho que aí tem que separar os livros, da mídia. Eu acho que uma coisa...”

(Marelisa) “Uma coisa não tem nada a ver com a outra”

(Joana) “Os livros... Ah. Disso eu não vou falar, porque depois eu posso até ser presa.”

(Marelisa) “Praticamente os livros foram feitos sob a vontade das pessoas se promoverem em cima da tragédia”

(Joana) “Olha, a Marelisa falou!”

(Marelisa) “É praticamente isso”

(Joana) “Eu acompanhei o lançamento daquele que foi feito sobre a midiaticização, o ebook né... Fora esse, foi o que a Marelisa disse. Até porque aquele era bem interessante porque tinha um estudo por trás”

(Marelisa) “Eu não acredito em nada daqueles outros, em nada do que esteja escrito ali, e repito que foram feitos pra tirar vantagem, pra se promoverem em cima da gente, me desculpa.”

(Marisa) “E apesar da mídia ter falado tão pouco sobre a tragédia, o que eu tenho pra falar é que ela ajuda no combate do silenciamento sim. Eu acho que quando falam, ajudam.”

Grupo 2, realizado em Santa Maria/RS, no apartamento do pesquisador, na Terça-Feira, dia 8º de Setembro de 2015.

Primeira pergunta realizada: “Qual a importância de falar sobre a tragédia, de um modo em geral?”

(Vania) “Nós ou a mídia?”

(Moderador) “A pergunta se encaixa a ambos, vocês e a mídia”

(Carmem) “Posso iniciar falando? Eu penso que é importante porque no meio social a gente fica sabendo de todos os pensamentos... De quem está a favor, de quem está contra, de quem não está nem aí e não quer se envolver. Eu acho que isso se torna um espelho do que a sociedade acha da tragédia, porque eu gosto de ver... Eu tenho parentes que não gostam de falar do assunto, porque não querem se expor. Então a gente conhece as pessoas que a gente convive, quando dá o alerta sobre a tragédia. Tu fica sabendo do ponto de vista de cada um, entendeu? Eu acho que isso é uma parte fundamental, ver a reação das pessoas. E infelizmente é a reação das pessoas que mais tem entristecido, acredito eu, todos os pais. Penso isso.”

(Janete) “A maioria já esqueceu e vive a sua própria vida, né... As pessoas tem memória curta e isso já não tem valor nenhum. E foi uma coisa estúpida. Tem que falar, tem que realizar manifestos pra não deixar esquecido. Sempre no dia 27 tem que haver algum resgate disso aí, a gente vai deixar bem vivo na memória. Inclusive nos estabelecimentos públicos, tem N problemas, e esse problema da Kiss não passou aprendizado nenhum, como deveria ser. Inclusive a Universidade é uma que vai ter que fechar e abrir tudo de novo, porque lá há coisas muito irregulares. Porque como disse aquele promotor numa palestra: ‘nós estamos aqui, pais, e voces tem que entender que existem coisas irregulares que são regulares’. Se elas são irregulares, porque são regulares? Nós como pais não entendemos isso e ele falou em alto e bom som, pois ali nós estávamos e ali nós morreríamos se caso tivesse um incêndio. Lá está tudo irregular... Lá na Universidade, lá onde a gente estava, naquele local.”

(Carmem) “Eu acho que falar sobre a tragédia é um termometro”

(Lúcia) “O problema é que eles não querem reviver. Teve algo, que eu não sei o que foi, que coloquei no Facebook, um post... Eu coloco muitas fotos da minha filha e escrevo. E uma que é minha amiga comentou que não era pra reviver, que não tem que sofrer... Ah, é uma sobrevivente daquela noite. Ela disse que não dava pra reviver aquilo. Aí, uma psicóloga colocou um texto, dizendo que eu teria que reviver, que essa era a minha forma de passar pelo luto. Tem pais que não conversam, que não colocam foto e que não falam do filho. Eu coloco foto da minha filha, eu escrevo praticamente todos os dias... Já fui cobrada: ‘ah, por que tu faz isso?’. É o meu jeito! Só que demoraram pra entender o jeito que eu lido. Eu quando estou muito triste, coloco foto dela e escrevo. Então tem gente que me cobra: ‘ah, tu tá esquecendo da mais nova e pensando na mais velha’. Não é isso. Mas deixa eu ter o meu momento... Se a gente que é pai da Kiss não fala, não relembra, quem é que vai falar?”

(Carmem) “Eu costumo dizer que a gente tem duas mãos e dez dedos, e que se alguém vem e me corta um dos dedos, ele vai me fazer falta pelo resto da vida. Eu sei que eu tenho os outros, entendeu? Eu sei que eu tenho outra filha também, mas isso não é motivo de que eu tenha que esquecer a que se foi, porque sempre vai estar ali... Eu sempre vou lembrar que eu perdi alguma coisa. E eu vou saber que eu tenho a outra ali, entendeu? Que eu tenho os outros dedos ali, mas isso não me impede que eu não me lembre daquele dia. E dizem ‘tu tem a outra filha’, ‘tu tem que sobreviver’, a gente sabe tudo isso, e a gente não esquece dos que estão com a gente. Mas querem obrigar nós a esquecer dos que se foram.”

(Janete) “Seria bom perguntar pra essa pessoa: ‘qual é o dedo que tu quer que eu corte?’, pra ver como é que fica.”

(Vania) “Eu tenho duas coisas pra dizer em relação a falar sobre a tragédia. Primeiro a pessoal, que é assim: é um resgate. Eu percebo que quando se fala da tragédia, eu resgato sempre alguma coisa. E sempre é a lembrança do filho, por algum momento, por alguma coisa. E normalmente são sempre as coisas boas, claro. Porque é o que faz a gente sobreviver, é pensar no que é bom. E tu tem a impressão, quando vão falar de alguém... Tu fica naquela expectativa: ‘será que conheceu a minha filha?’. Eu sempre fico nessa expectativa, que eu vou ter alguma novidade, que aquela pessoa vai me dizer. Alguma coisinha que eu não sabia, que eu não via, ou alguma coisinha que ela tenha falado. Então assim, tem sempre aquela questão do resgate. Eu sempre tenho essa impressão, que eu vou resgatar alguma coisa da minha filha. Nem que seja algo assim ‘ah, aquela foto...’, é a novidade que ela me traz. Assim, o meu tempo parou em termo de músicas. Todos os hits que tinha, eu conhecia até 2012, eu conhecia. Eu tenho um pen drive que ela tinha as músicas de até 2012. Então é um resgate, é como se alguém me trouxesse uma novidade que ela não vai mais me trazer. Então quando fala tragédia em si, entre a gente, ou entre outras pessoas, sempre tem aquela esperança que alguém vai me trazer alguma coisinha diferente. Não vão ser aquelas fotos que estão ali e que eu já cansei de ver, que eu já sei cada detalhe, mas mesmo assim, se eu fico reparando hoje, quem sabe eu não ache algo de diferente... Quem sabe ela não esteja com aquela maquiagem... Então sempre tem uma pretensão de resgatar uma lembrança que ela não vai mais trazer, que não vai ser ela.”

(Iara) “Sim, é como eu falo pras gurias, minhas outras filhas... Eu estava mexendo na mochila dela, porque eu não olho tudo de uma vez, sabe? Eu disse pras gurias: ‘você querem ver como estão os papéis de bala e de bombom dentro da mochila? no lugarzinho!’”

(Vania) “É... É uma particularidade dela. E a outra percepção é aquilo que vem de fora, o que vem das mídias, das redes sociais. Quando tu ve assim, a gente tem a pretensão, como toda mãe tem, de sempre lembrar dessa tragédia pra que outros não passem o que a gente tá passando. Só que as pessoas acham que isso aí é... Que não é verdade. Que é uma fantasia, uma utopia e que a gente está fazendo de conta porque nós somos coitadinhas.”

(Carmem) “Isso, exatamente! Vitimizaram nossa dor.”

(Vania) “Sim, vitimizaram. Eles vitimizaram nossa dor. Apesar de ter muitos pais que se vitimizaram também. Tem. Mas eles tem toda razão, porque eles podem. Mas os outros não podem fazer isso conosco. Então assim, a percepção: é essa dos olhares, né, de como as pessoas nos veem... Uns dizem: olha, são pobrezinhos, umas coitadinhas. Os outros dizem que nossa dor é contagiosa. Deus os livre, não chegamos perto. Outros nós afrontamos. Que nós, afrontamos o poder público. Que não nos conformamos com aquilo que eles disseram, que foi uma fatalidade, que foi um acidente. Não. Foi genocídio de uma raça, de uma raça de jovens, a raça humana. A raça de pais e de mães, porque não precisa de uma raça específica, africana, raça negra, não. Foi de uma raça, a raça humana. Foi genocídio, foi massacre. Pra mim foi o absurdo dos absurdos. Então assim, a percepção dos outros é importante pra que a gente tome alguns pontos pra objetivar nossas ações.”

(Carmem) “É um ensinamento, também acho.”

(Vania) “Porque nós temos algumas ações paralelas com a nossa dor. E falar da tragédia, pra mim, eu acho bastante importante, porque ela vai dando um novo sentido pra vida da gente. Vai dando, porque nós somos forjados a fazer o que a gente faz. Nunca ninguém pensou em ser um presidente de uma associação de vítimas de alguma coisa. Nunca pensamos em ‘as gurias’, no nosso caso a gente pensou em criar uma ONG, e nós criamos uma ONG porque elas faziam de forma bastante anonima. Então assim, não era pra nós estarmos fazendo o que a gente faz, essa distribuição de coisas, de festinhas, eram elas que iriam fazer. Então o não esquecimento é a parte principal de tudo isso. São as duas percepções: a minha, e como sou olhada. Como a mídia olha isso. O que esperam da gente, o que não esperam que a gente faça... Então tem vários olhares, mas é muito interessante. Eu ainda gosto da nossa percepção, quando a gente se reúne, quando a gente fala da tragédia, que a gente fala: ‘ai eu não vou no cemitério’, a outra fala: ‘ah, eu vou’. Me perguntaram outro dia: ‘qual é a foto que tá na lápide da tua filha?’, eu não sei. Eu não fui, não escolhi, foi o pai dela. Então assim, é muito importante tu falar, eu acho importante. Tem pessoas que dói tanto que não são capazes. E a questão que a gente aprende... Eu já trazia isso comigo muito mais acentuada a

questão do respeito em relação ao outro, porque as pessoas falam absurdos pra gente, e eu não... Eu ouço, eu não concordo, mas eu não bato de frente com o outro. O outro tem razão, pronto... Tem razão.”

(Carmem) “Eu assim, eu levava dias pra formar uma opinião sobre o que eu ouvia.”

(Vania) “Eu até posso formar na hora, mas eu não falo. Porque as vezes a ignorância é tanta que eu não posso desqualificar minha dor tentando dizer pra essa pessoa o que eu penso e o que eu sinto.”

(Carmem) “Ou explicar nossa dor, né? Explicar pra pessoa o que a gente... A gente não tem mais saúde pra isso.”

(Lúcia) “É assim, todo mundo vem nos dizer o que nós temos que fazer. Até que um dia eu inverti. Me falaram ‘ah, tu tens que fazer assim, assim, assim...’, e eu disse: ‘espera um pouquinho! Tu tem tres filhas, um tio meu. Tu tem tres filhas. Por um minuto, pensa em uma das tres, que tu perderia uma.’. Ele disse: ‘ai não, Deus me livre, comigo não!’, e eu disse: ‘ah, mas comigo foi, comigo aconteceu. Acontece que voces querem dizer pra gente o que a gente tem que fazer, só que voces não sabem o que fariam no nosso lugar’, e ainda se acham no direito de vir dizer o que tenho que fazer. E já percebi... A família não quer mais falar, não aguenta mais. Se tu tá chorando, tu tem que parar porque não pode chorar na frente da tua mãe, nem das tuas irmãs... Então só podemos conversar entre nós. Até me falaram: ‘tu tá sempre junto com as mães, tá sempre junto com eles... Sai um pouco’, mas são eles que me entendem. São com eles que eu posso falar e chorar e não reclamam. A família tá cansada. O único ambiente que eu me sinto bem é em casa, eu, meu marido e minha filha mais nova conversando... Porque a gente fala todos os dias dela, todos os dias... Das gurias. Se tem que lembrar alguma coisa, a gente lembra. Ainda a minha filha diz: ‘ai mãe, ela não era, ela é. Porque ela nunca vai deixar de ser minha irmã e nunca vai deixar de ser sua filha’. É tão difícil a gente falar no presente de uma pessoa que não faz mais parte do presente fisicamente. Eu posso até sentir que ela esteja com nós, mas é diferente a gente falar o ‘é’ e o ‘era’. Nós falamos todos os dias dela.”

(Carmem) “Eu não sei voces, mas eu tenho evitado pessoas que são contrárias ou pessoas assim. Eu tenho evitado conviver com pessoas assim.”

(Lúcia) “É!”

(Iara) “É porque existe gente muito grosseira, e a gente não aceita mais.”

(Carmem) “Uma coisa que me chamou muita atenção, que é uma pessoa que eu respeito muito, são as coisas que escreve o Carpinejar. Porque cada vez que ele vai no Programa da Fátima, teve até um dia que eu fiquei emocionada com ele, quando ele contou que tinha dormido aqui em Santa Maria e que ele não dormiu, porque ele ficou pensando na dor dos pais e na dor de cada um que morreu lá, e na dor de nós pais que temos que morar aqui em Santa Maria e conviver todos os dias com todo o tipo de coisa.”

(Lúcia) “Ele é o tipo de pessoa que se coloca no nosso lugar.”

(Carmem) “É, e eu sei que ele falou algo tão bonito e perguntou algo pra Fátima Bernardes e ela disse assim: ‘ai eu não quero nem pensar, porque eu tenho tres filhos, eu não quero pensar nisso, e acho que temos que mudar de assunto’, sabe? É como eu digo, o assunto é um termometro, é quando a gente ve. E lugares onde as pessoas não querem que eu fale sobre a minha filha, é um lugar que eu não vou querer estar, entendeu?”

(Vania) “Foi como eu falei... Alguns acham que a gente tem alguma doença contagiosa.”

(Carmem) “Quando tu chega e diz ‘sou mãe de vítima’, meu Deus! Tem pessoas que mudam. E ainda acham que a gente fica se vitimizandando das coisas, muito pelo contrário, minha filha iria detestar. Minha filha não era vítima de nada. E eu se por ventura for vítima, não é pra sentir pena de mim, eu não quero que sintam pena de mim. Eu quero falar na minha filha, na pessoa boa que ela era, na menina de caráter que era. Não quero que as pessoas achem que sou vítima, não sou.”

(Lúcia) “É como digo: ‘não precisam ter pena de mim, eu não preciso da pena de ninguém’. Nós carregamos o fardo, ele é nosso. Ninguém precisa ter pena.”

(Carmem) “E tem que se lutar, pra não acontecer mais. Pra não sentirem a nossa dor. Porque lá na madrugada, cada uma de voces aqui sabe, quando a gente está lá na madrugada sem sono, sem conseguir dormir de saudade, nós sabemos a verdadeira dor que a gente sente.”

(Iara) “Mas voces sabem que um dia eu fui grosseira, lá na tenda da vigília, não sei se voces estavam lá. Uma mãe estava com a filha no hospital e ela já havia perdido um filho num acidente. Ela foi lá pedir remédio, e eu disse: ‘agora voces lembram de virem aqui na vigília... mas a gente não tem nenhum remédio’, e as pessoas não sabem da dor que a gente sente. Teve uma mãe que chegou lá e nos disse: ‘agora eu sei a dor que voces estão sentindo’. Mas pra mim não serve esse tipo de coisa.”

(Carmem) “É que temos que ver os dois lados da coisa. Pra uma pessoa chegar ao ponto de ir lá e declarar um sentimento desses, é porque ela chegou bem no fundo do poço e sentiu

mesmo. Então eu acho que ela é uma pessoa louvável, porque tem gente que sente, mas não vai lá dizer, entendeu? Porque tem umas coisas que, infelizmente, nós somos humanos. Tem umas coisas que a gente só dá o real valor quando sentimos com nós mesmos. Por que o que é mais fácil? É a gente ver e se distanciar, é mais fácil. Tem muitos momentos da vida da gente, que todas nós já fizemos por algum motivo, né? Só que claro, que, as coisas mudaram. Muitas pessoas estão cuidando muito de suas próprias vidas, isso que acaba sendo ruim.”

(Lúcia) “Assim Carmem, quando tu fala dessa questão de que se ‘não tivesse acontecido comigo’. Se não tivesse acontecido com minha filha, ou com nenhuma das meninas... Eu falo pro meu marido: ‘para um pouco e pensa... se não tivesse acontecido com nossa filha e com nenhuma das gurias conhecidas, tu iria encarar? Tu iria na vigília e iria apoiar esse povo?’, e ele disse ‘não, tenho certeza que não’. Mas eu disse que de uma coisa eu tinha certeza: eu não iria invadir o espaço. Eu não iria lá desrespeitar, dizer que eles não vão descansar em paz, isso aí não é da minha índole. Se eu não apoio, eu não iria lá desrespeitar.”

(Carmem) “Eu iria falar... Eu também, eu não iria desrespeitá-los.”

(Iara) “Uma senhora chegou lá na vigília esses tempos com um neto, os dois bem arrumados. E eu estava sentada e ela olhou e disse assim: ‘tu sabe que meu neto era pra estar na Kiss, mas graças a Deus ele não estava!’, e eu disse: ‘sabe de uma coisa? a minha filha estava lá dentro!’. A mulher perdeu o rebolado e saiu de lá de dentro. Eu não respondi mais nada, só falei isso.”

(Lúcia) “Eles pensam que querem se defender dizendo assim: ‘ai, o meu filho graças a Deus não estava lá’. E um dia eu não estava muito boa, e disse assim: ‘o teu Deus é diferente do meu, porque a minha filha estava’. Aí eles saem, eles percebem o absurdo que falaram.”

(Carmem) “Mas o pior de tudo não é só a reação da sociedade. O pior de tudo é a reação de quem tem dever com a sociedade. Esses, assim, eu acho que eles pensaram em se defender contra tudo e contra todos e que ali, toda essa parte de Prefeitura, Ministérios e Justiças, todos se uniram. Depois da tragédia eles nunca se desuniram. Nós, sim. Nós, pais, nós atingidos, sobreviventes, nos desunimos a todo o momento. Agora eles, em momento nenhum, se desuniram.”

(Lúcia) “É que a gente está sentindo na pele, eles não. Eles estão sentindo na pele outra coisa. Eles estão querendo se salvar.”

(Iara) “É que são duzentas e quarenta e duas famílias, e é muito difícil de lidar com o pensamento de cada um.”

(Vania) “E outra coisa: nós não precisamos nos defender. Eles, sim. Porque existe um comprometimento que começa dentro de uma secretaria, com um simples atendente, vai pro gestor municipal, e esse gestor dentro do município tem uma procuradoria. E nessa procuradoria existem pessoas, que são o que? Todas da mesma escola. Todos do protecionismo, do corporativismo. Porque um tem o rabo preso com o outro.”

(Carmem) “Eu sei bem disso, eu já trabalhei em Fórum e já vi tanta coisa, e não tenho fé. E eu sou muito mal interpretada, porque quando eu digo que essa tragédia não vai dar em nada, e que todos vão responder por homicídio culposo, as pessoas dizem: ‘ah, ela não quer justiça’. Mas não é, eu sei, eu trabalhei num Fórum, eu vi como a coisa funciona. Eles interpretam do lado deles. E uma coisa eu quero dizer aqui, pra vocês: ninguém vai responder por homicídio grave. Nenhum! Infelizmente eu já vi isso.”

(Lúcia) “Acabamos perdendo o foco...”

(Carmem) “Perdemos o foco, mas tudo isso é injustiça! O que nos gera aqui, nossa revolta... É a injustiça.”

(Lúcia) “A justiça não vai vir como a gente quer, mas de algum jeito vai ter que ser feita justiça.”

Segunda pergunta realizada: **“Qual a importância da mídia em relação a tragédia?”**

(Iara) “Pra que isso não caia no esquecimento. Eu acho que é isso.”

(Lúcia) “Exatamente... Pra que não caia no esquecimento.”

(Janete) “É o que eu falei, né... A mídia veicula aquilo que ela quer, entendeu? O correto seria ela veicular tudo o que está acontecendo. Mas ela põe as coisas com sensacionalismo: ‘ah, três já foram presos’.”

(Vania) “É, dizem ‘os primeiros condenados da tragédia’. É uma imparcialidade que a gente sabe que não existe.”

(Lúcia) “Mas não adianta, bem ou mal a gente precisa da mídia.”

(Vania) “É conforme eles editam... Porque muitas vezes um repórter quer mostrar exatamente o lado de cada um, e as vezes eles ficam duas horas ali conversando e perguntando, e aí não sei se por falta de tempo, de espaço, o editor muda... É a edição. E seguindo a tua linha de pensamento, tu edita da maneira que tu quiser.”

(Lúcia) “É que tu pode pegar uma pessoa, gravar, cortar e editar, e muda totalmente.”

(Carmem) “E vai do dia também. Podem perceber, a gente, dependendo da nossa tristeza, de como estamos naquele dia, quando fizemos uma postagem a gente seleciona tudo isso. Então a mídia é importante, mas é perigosa.”

Terceira pergunta realizada: **“E perguntando individualmente pra cada entidade, qual a relação de vocês com a mídia? Da ONG Para Sempre Cinderelas com a mídia, e do Movimento do Luto à Luta?”**

(Vania) “Da ONG com a mídia? Assim, pra nós a mídia é importante, porque nós alcançamos as pessoas através da mídia, nós divulgamos o trabalho da ONG e também divulgamos assim, em parte, é um parêntese, que as nossas filhas, que em função da mídia foi muito dito que as crianças que estavam lá usavam drogas, eram isso, eram aquilo e aquele outro... E daí assim, quando a ONG é divulgada através da mídia, a gente sempre coloca como a ONG surgiu. E ela surgiu através do trabalho das gurias, que era anônimo. Elas faziam um trabalho de solidariedade, um trabalho voluntário que era anônimo. E elas tinham a pretensão de ter uma Associação ou uma ONG, até elas tinham me pedido pra eu ver como é que funcionava isso. Então pra gente, é muito importante a mídia, mas também, assim, pra gente mostrar que elas não eram umas quaisquer como muitos querem colocar, sabe? Que elas estavam lá, que elas estavam lá dançando e se divertindo, e que isso fazia parte da idade delas, né? Era da idade, era próprio do momento. Ninguém estava escondido. Nós sabíamos onde nossas filhas estavam. E assim, simplesmente mataram elas, mas não mataram os sonhos delas. Então a ONG a gente divulga nesse sentido, a gente precisa da mídia pra divulgar nesse sentido.”

(Moderador) “Correto. E antes foi dito que algumas reportagens dependem da edição. Vocês acham que, pensando por esse lado, quando a mídia faz uma reportagem sobre a ONG, como várias emissora de TV já realizaram, os editores editam a reportagem diferente da maneira com que editam uma notícia referente a tragédia?”

(Vania) “Com certeza. A gente percebe assim, uma manipulação. Tu pode analisar isso. Por que quando nós somos Movimento, nós somos achincalhadas. Agora quando nós somos ONG, nós somos endeusadas... ‘Bah, como essas mães conseguem? Olha como elas são maravilhosas, são altruístas e etc’, agora quando o foco está no Movimento, são baderneiras, são loucas... ‘Por que não vai pra casa?’, ‘Não devem ter o que fazer em casa’.”

(Lúcia) “Só que a gente sempre diz aí, a diferença: quando estamos com a camiseta do Movimento, somos Movimento. Quando estamos com a da ONG, estamos defendendo a ONG. Mas no momento em que eu estou com a camiseta da minha filha, eu sou a mãe dela.”

(Vania) “Teve uma reunião em que um empresário nos propôs um auxílio no que nós precisássemos. E aí ele disse assim pra nós: ‘agora sobre aquelas badernas, aqueles protestos, pixação e gritando palavrões... Se vocês continuarem eu jamais estarei onde vocês estiverem’. E eu respondi: ‘em primeiro lugar, nós não temos partido político, nós somos apartidárias. E agora vou te dizer uma coisa, se tu quiser ajudar a ONG, ótimo, vamos ficar muito satisfeitas. Agora, quando eu estiver fazendo baderna, como tu disse, pixando muro e dizendo palavrão, que pra mim é palavra de ordem, e também palavrão, porque eu xingo também. Aí se tu disser que eu não posso, eu não vou querer. Por que ali vai estar a mãe da Vanessa, e se eu não puder estar lá como mãe da Vanessa, como a Vania mãe da Vanessa, aí eu não sirvo pra nada. Não sirvo mesmo. Porque eu jamais vou deixar de ser quem eu sou, em virtude disso’. Agora, quando eu estiver vestindo a camiseta da ONG, eu estou agindo através de uma ação social. Um dia uma menina me ligou, da TV, e me perguntou: ‘dona Vania, o que vocês vão fazer pro dia 27?’ e eu disse ‘como assim?’, e ela: ‘o que a ONG vai fazer? Que protesto a ONG vai fazer dia 27?’, eu disse ‘tu está falando com a pessoa errada. Tu tem que falar ou com o fulano, ou com o ciclano que são dos Movimentos, porque a ONG não se manifesta. A ONG não faz protestos. A ONG só faz solidariedade’. E ela: ‘ai tá, tá, me desculpe, eu achei que fosse vocês’. Eu disse ‘Não! Jamais vocês me verão com a camiseta da ONG em um protesto. Jamais’. E aí a gente percebe, como disse, como ONG somos endeusadas, tá? Agora, enquanto mãe que chora, que protesta, que busca por justiça, aí são achincalhadas.”

(Lúcia) “Porque a tenda da vigília é um protesto. O fato da gente estar ali, é um protesto.”

(Carmem) “Tem gente que se sente ofendida com a vigília.”

(Moderador): “**Creio que a partir disso, essa questão se abre para as integrantes do Movimento do Luto á Luta falarem sobre essas relações, já que a dona Vania colocou essa questão de serem achincalhadas. Como é a relação da mídia com o Movimento?**”

(Lúcia) “Olha, eu posso falar porque sou casada com o presidente do Movimento. Eu noto que eles tem um certo respeito. Chega o dia 26 e o telefone começa: ‘o que vocês vão fazer?’, ‘o que vai acontecer?’, ‘o que vai ter de homenagem?’. E ele me diz: ‘ai, o telefone não para de tocar...’, e eu digo ‘agradece que estão procurando saber o que vai ser feito, se vai ter homenagem na vigília’. Porque eles tão desde o dia 26 perguntando.”

(Vania) “Ah mas eu não vejo como respeito, eu vejo como ibope. Porque teve uma reportagem...”

(Lúcia) “Mas já são quase três anos que eles tão correndo atrás.”

Neste momento, o embate de ideias começa a ser notado.

(Vania) “Eles querem ibope, é isso que eles querem. Lembra quando um dos sócios da Kiss estava lá no Fórum? Tinha uma repórter, até encontrei ela esses dias, ela falou ‘e não houve nenhum protesto’. E o espaço foi tão curto, sabe? Eu percebo assim, que da mesma forma que eles nos usam, a gente tem que aprender a usá-los. A gente tem que aprender a usar, porque a gente precisa deles. Nossas manifestações precisam ser vistas, porque quanto mais elas são vistas... As pessoas que estão do outro lado também julgam. Porque assim como tem um monte de gente que nos julga e são contra nossos movimentos, existem muitas que são a nosso favor. Se manifestam de outras formas, né? E a manifestação positiva é mais branda. Quando a manifestação é negativa, daí sim, ela é voraz, eles vem com tudo pra cima, e é o que querem. Então assim, eu percebo as duas coisas, eu não vejo muito respeito não.”

(Lúcia) “Mas e se eles começarem a esquecer desse lado? Que já vão fazer três anos que estão sempre perguntando. Vai chegar uma hora que eles não vão mais.”

(Vania) “Não Lúcia, não. Sempre vai ter, sabe por quê? Porque foi uma das maiores tragédias que aconteceram aqui no Brasil.”

(Carmem) “Eu acho sabem o que? Que eles estão igual um corvo esperando um momento, ou algum passo errado, ou alguém que tenha feito algo, pra eles noticiarem. Porque é uma notícia importante. Eles estão ali ‘urubuzando’.”

(Lúcia) “Mas uma hora pode acontecer outra maior, e essa vai acabar sendo esquecida.”

(Vania) “Ah, aí eu concordo! Aí eu concordo!”

(Lúcia) “E é então por isso que a gente tem que usar bastante a mídia.”

(Vania) “Mas se for em relação ao Ministério Público, por exemplo... Se tiver ocorrendo um processo contra um pai, eles alardeiam do jeito deles. Daí colocam todas as palavras, todas as letras, e acabam levando pra imprensa. E dessa maneira que eles sabem usar a mídia e alardear coisas contra os pais, a gente sabe usar também. Se descobrimos alguma coisa, a gente dá um jeito de alardear também. Daí pegamos e telefonamos pra mídia, porque já temos os contatos. E no dia 27 assim, eles sempre acham que a gente vai estourar uma bomba na cidade.”

(Carmem) “É isso o que eu acho.”

(Lúcia) “Agora eles já estão perguntando o que vai acontecer no marco dos três anos.”

(Carmem) “Mas eles não estão interessados nas homenagens, eles estão interessados em algo que vire notícia pra eles. Eles ficam esperando que algum pai se descompense, que saia dando tiros e afins.”

(Lúcia) “Mas é como eu digo: se é esse o preço que a gente tem que pagar pra que não esqueçam tudo, e que sempre no dia 27 lembrem, que seja. Porque somos criticados, somos julgados de tudo que é jeito mesmo. Somos julgados porque rimos, somos julgados porque choramos, somos julgados porque comemos balas, porque colocamos camisetas coloridas...”

(Vania) “Mas voltando ao que o moderador falou, é bem assim... Existe, assim, a mídia está sempre buscando, se preocupando, quando a coisa, principalmente quando está do lado de lá, e quando eu digo do lado de lá eu me refiro as autoridades, são sempre imparciais, os repórteres. Não sei quem edita, nem o que há por trás, mas os repórteres são sempre imparciais. Não fazem perguntas copiosas nem pra um lado, nem pro outro, sabe? Que a mesma pergunta que me fizeram, fizeram pra fulana. Falo dos repórteres, a gente não percebe parcialidade neles, eles são imparciais. Se existe uma edição, daí tudo bem.”

(Lúcia) “Mas isso aí até eles comentam: ‘as vezes a gente faz duas horas de entrevista, chega na hora são dois segundos’. Não é culpa do repórter, é culpa lá na edição.”

(Vania) “mas não é só na edição, tem outras coisas também...”

(Lúcia) “Ah, tem outras coisas também, que a gente sabe.”

(Vania) “Tem até a questão de patrocínio, como já nos disseram. Muitos telejornais de Santa Maria, foram retirados os patrocínios porque estavam dando ênfase demais pra tragédia. Então assim, eles procuram, eles tem pleno interesse. Mas a gente percebe que nesse interesse, ainda tem a questão de, de ter uma foto inédita, de ter uma notícia inédita, de ter o furo de reportagem. É isso que a gente percebe.”

(Lúcia) “É como eles dizem: ‘ai por que não nos disseram?’.”

Quarta pergunta realizada: “**Através da mídia, o tema em si e o conteúdo, ou seja, os livros, acabam se tornando mais conhecidos?**”

(Carmem) “Olha, eu por exemplo já não sabia do terceiro livro, só conhecia dois.”

(Vania) “O Guerreiros de Santa Maria foi uma pessoa, que na realidade compilou tudo que tinha em termos de internet... Assim, eu tenho um pessoal que mora em Natal, no Rio Grande do Norte... Uns amigos. E eles buscaram o livro, eles souberam e buscaram. E leram. Por

mais que exista a mídia, tu sabe, reportagem não é qualquer um que faz, né? E eu sei que esse livro teve bastante divulgação no Nordeste.”

(Moderador): “Divulgação da mídia ou através das redes sociais?”

(Vania) “Nas redes sociais. Eu não sei na mídia, porque como ele fez lançamento em vários shoppings, talvez tenha mídia. Mas rede social eu sei que sim. Esse aqui, o ‘Kiss: uma porta para o céu’ (suspiro), teve uma repercussão muito grande. Tanto é que coube um processo, um processo não, uma tentativa... Um boletim de ocorrência. Mas foi considerado liberdade de expressão, né.”

(Moderador): “Então a repercussão foi depois do lançamento, certo? A mídia não foi usada para divulgação?”

(Carmem) “Não.”

(Lúcia) “Nunca. A repercussão foi pelo conteúdo do livro.”

(Vania) “E não veio qualquer pedido de desculpas... E, promoção né. A pessoa quis se promover, quis vender. Eu assim, respeito toda e qualquer religião, mas tem coisas que a gente tem que pôr em dúvida. E aquele livro ali não houve a promoção dele antes, porque foi feito muito rápido. Só que eu acho que pela repercussão negativa, ele vendeu muito mais do que ele iria vender.”

(Lúcia) “Porque da maneira como foi, todo mundo tem curiosidade de comprar pra ver como que é.”

(Vania) “Mas tem o seguinte: a primeira edição dele foi toda recolhida, né? Porque ele teve que tirar partes do livro. Então assim, foi uma repercussão negativa entre aspas, porque financeiramente pra ele deve ter sido muito boa.”

(Carmem) “Tu diz do livro do Lauro Trevisan?”

(Vania) “Sim.”

(Carmem) “Eu acho assim, que também foi feita uma interpretação muito mal, porque eu acho que pelo fato dele ter contado coisas de que tinha gente viva, que se mexiam dentro do caminhão quando eles juntaram os mortos, eu acho que isso foi extremamente maldoso da parte dele, porque isso aqui qualquer médico que lida com saúde, uma enfermeira, uma técnica, sabe que a pessoa estava morta e teve espasmos durante o tempo. E ele usou aquilo, fazendo sensacionalismo com uma coisa que afetou muita gente, não foi uma coisa isolada.”

(Vania) “Foi uma coisa negativa pra gente, mas pra ele deve ter sido muito bom, porque deu mídia e etc.”

(Carmem) “Eu acho que aqui está mais um erro da Justiça, nesse livro. Aqui cabia sim uma boa retratação dele, na verdade.”

(Vania) “Retratação e outra: danos morais.”

(Carmem) “Exatamente. Porque pensem, se cada um aqui de nós pensasse se, por exemplo se soubesse que não tinha esses espasmos depois que morre, as pessoas tem espasmos. E aí se eu como mãe não sei disso, e se eu fico pensando ‘quem sabe era a minha filha’, porque ele não especificou quem era... Aí uma mãe fica pensando ‘meu Deus e se era minha filha?’, ‘como é que não viram?’, ‘porque ela não se salvou?’, ‘meu Deus, onde que eu estava...’, né? Isso aqui foi um ato de extrema maldade e cabia dano moral. Isso aqui, sim! Livre expressão? Livre expressão tu usar a ignorância das pessoas?”

(Vania) “Uma desumanidade pra quem se diz Padre. Porque está ali né, Padre Lauro Trevisan.”

(Carmem) “Que nem é, outra coisa, que título é esse que ninguém tira dele? Ele não é mais padre.”

(Vania) “Há muitos anos que não.”

(Carmem) “Ele não é padre, ele não pode nem ser chamado.”

(Vania) “Eu acho interessante aquele título: ‘o poder infinito de sua mente’.”

(Carmem) “Mas o poder da mente dele é grandioso, hein? Porque gente, pensem! Quantos pais, esses que moram lá no interior... Que perderam os filhos e não tem quase nem acesso a mídia.”

(Vania) “Mas tu não precisa ter acesso...”

(Carmem) “E aí tu chega e conta, uma parte em que ele diz assim: ‘no caminhão, onde estão vários mortos, existiam alguns que tinham vida e se mexiam’. Tu diz isso pra uma pessoa lá, a pessoa pode ficar pensando que era o filho dela.”

(Vania) “Não precisa ser lá, Carmem.”

(Carmem) “Não, eu já digo uma pessoa de lá, porque ela está fora de tudo, entendeu?”

(Vania) “Não... Estando fora de si, na situação que tu fica entorpecida e enlouquecida, tu pode pensar.”

(Carmem) “E aí, qual é o benefício que esse livro trouxe pra sociedade?”

(Lúcia) “Foi uma completa falta de respeito.”

(Carmem) “Qual foi o benefício?”

(Vania) “O benefício pro bolso, né.”

(Lúcia) “E a Kiss encheu o bolso de muita gente.”

(Carmem) “Muita gente, exatamente.”

(Iara) “Eu acho que foi uma forma que todos tiveram pra se aproveitar da tragédia. Por isso eu nunca me interessei muito em ler, sabe?”

(Vania) “Mas tem uma coisa que a gente tem que perceber também, pra abafar um pouquinho, pôr panos quentes, é que podem ser pessoas que estejam sendo manipuladas, pelo desejo enorme de ter notícias.”

(Iara) “Ah, eu falei isso aí! Tem pessoas que são manipuladas. Tem muitas mães que tem que ir procurar essas cartas psicografadas...”

(Lúcia) “Mas Iara, é a forma delas de passar pelo luto. Assim como tem mães que vão a procura dessas cartas, tem aquelas que vão gritar e berrar protestar.”

(Iara) “Tão querendo que as mães se desviem do foco.”

(Carmem) “Porque uma coisa assim, quando me perguntam dos livros, é sempre uma coisa que eu digo assim: ‘eu zelo tanto pra respeitarem a maneira que eu penso, que a gente tem que respeitar a maneira como os outros pensam’. Se a forma delas é essa, não vou dizer se concordo ou discordo. É o jeito delas. Assim como é o meu jeito de colocar as fotos da minha filha e escrever sobre ela, tem mães que não colocam foto, que não falam sobre o assunto nem nada, e eu respeito. Então se tem mães que querem buscar cartas psicografadas, ok. Se a gente acha melhor fazer parte da solidariedade, é com nós.”

(Vania) “E sobre o e-book eu acho assim... A linha acadêmica ela não segue pela parte tendenciosa, mas pela psicológica. Eu acho bastante interessante a parte acadêmica.”

(Carmem) “Eu digo que fora esse, nenhum dos outros três livros trouxe benefício pra causa, pra busca de justiça e pra prevenção de nada.”

Quinta pergunta realizada: **“A cobertura e a mobilização que a mídia fez sobre a tragédia conseguiu passar o que realmente aconteceu? Isso contribuiu para a compreensão do acontecimento?”**

(Lúcia) “Da minha parte, eu posso dizer que teve sensacionalismo nessa parte. Porque eu não vi naquela semana. Pra eu ter noção do que aconteceu aquele dia, foi só um mes depois. E me disseram que o programa da Sonia Abrão ficou a tarde toda falando do Twitter da minha filha. Aquilo foi muito sensacionalismo.”

(Vanda) “Eu acho que o sensacionalismo foi grande...”

(Lúcia) “Eles nem se preocuparam com o estado dos pais, porque até então eu nem sabia disso.”

(Iara) “A gente estava anestesiada naquela semana.”

(Lúcia) “Essa questão de explorarem o Twitter me deixou muito neurótica. Enquanto minha outra filha não excluiu tudo, eu não sosseguei. Porque eu ficava lendo e depois eu via, quando as vezes a gente conversava de noite, ela ia lá e postava. As coisas que a gente conversava em casa, ela postava no Twitter.”

(Vania) “Eu acho assim, que o sensacionalismo foi grande. Eu fico lembrando... Quando o Ayrton Senna morreu, quantas vezes passou aquela cena! Quantas vezes eles ‘mataram’ o Ayrton Senna. Quantas vezes passaram aquilo em um dia? Aí tu imagina quantas vezes em um dia, em uma semana e em um mês. Pra transformar o Senna em herói nacional, mataram ele muitas vezes. E não tiveram uma preocupação com os familiares dele. E conosco não foi diferente, o sensacionalismo foi grande, mataram nossos filhos muitas vezes.”

(Carmem) “E matam ainda. Eu não sei vocês, mas se eu ligar a TV no Jornal do Almoço e falaram ‘tal coisa da Kiss’ é como se matassem novamente.”

(Vania) “Não, mas eu estou dizendo assim: ele falou do evento em si. O sensacionalismo foi grande. Mas a gente sabe que existem muitos meios de comunicação que vivem exatamente disso. De ibope, de sensacionalismo, e jamais se preocupam com quem está por trás. Até que ponto a mídia pode fazer isso? Até que ponto ela pode? Então eles nos expuseram. Eu fui saber que a minha imagem tinha corrido o mundo... Foi no Fantástico. Quando eu saio do CDM (Centro Desportivo Municipal) impactada por ter reconhecido o corpo da minha filha, assim pelo o que eu vi e senti lá dentro, e ninguém me perguntou se podia. Eu não dei um direito de imagem. Eu não tinha condições de falar, eu simplesmente passei por uma menina repórter e ela queria uma declaração... E eu, não sei. Eu simplesmente passei. Então quer dizer, é uma falta de respeito, porque aquilo ali passou em vários outros meios. E eu digo: ‘onde é que está minha privacidade?’. Então a mídia faz um sensacionalismo sim, eles

precisam disso. É um sensacionalismo desnecessário, pra eles talvez não, mas pra nós é totalmente desnecessário.”

(Lucia) “Lembram da repercussão que deu sobre a menina que estava organizando a Aglomerados? Ela não foi porque o namorado não quis, eles viajaram e uma semana depois morreram num acidente. Meu Deus, parece que voltou tudo de novo. Eu nem olhava TV, mas aquilo já diziam pra gente.”

(Vania) “Mas imagina... Aquela cena dos meninos tentando quebrar as paredes. Aquela cena correu o mundo.”

(Lucia) “E eram a que mais colocavam.”

(Vania) “E quantas vezes, em um minuto, aquela cena se repetiu.”

(Janete) “E eu não vi.”

(Vania) “Não perdeu nada.”

(Lucia) “Ou então os meninos no chão com as camisetas abanando ou tentando fazer isso aí.”

(Carmem) “Eu já acho isso, por exemplo, que quando as pessoas mandam parar de pedir justiça, que já deu o que tinha que dar... Que esse tipo de cena de sofrimento mostre se realmente isso deve ser esquecido.”

(Vania) “Mas o sensacionalismo existe sim, a mídia vive disto, várias e diversas... Inclusive em redes sociais, né? Sempre tem um psicopata por trás. Mas assim, existe e a gente percebe a crueldade. E agora eu pensando, pergunto pra vocês: a gente tem condições de reclamar da mídia e do jornalismo?”

Sexta pergunta realizada: **“O lançamento e a divulgação dos livros, assim como a grande mobilização da mídia em torno da tragédia, seriam fatores que ajudariam a combater o não esquecimento do tema?”**

(Iara) “Acho que os livros, até onde eu vejo, não. A mídia só.”

(Carmem) “Acho que muitos atrapalharam.”

(Iara) “Acho que atrapalhou no momento que nos desuniu.”

(Lúcia) “É, naquela questão daquele livro em que muitos não acreditam. É delicado. Se quem está lutando por Justiça, é porque quer justiça. E quem não quer, a gente respeita. Mas nós, apesar de tudo, continuamos pedindo por justiça. Indo na vigília, aguentado todo tipo de coisa, limpando sujeira e fezes... Pra mim a forma de não fazerem esquecer o que aconteceu

no dia 27 é indo até a vigília. A vigília, se fazendo presente, mostrando banner. E no momento que disserem que a vigília vai sair dali, esquecem. Eu, eu penso assim. Aí acabou.”

(Carmem) “A vigília sendo bem-quista, mal-quista, a vigília tem que permanecer. Até pelo lado ruim dela que falam, de achar que tá demais, não interessa. A vigília tem que ficar.”

(Vania) “Eu vejo assim, que a mídia atrapalha quando a gente busca justiça, querem desmoralizar e desmotivar todo esse movimento em busca de justiça. Nesse sentido atrapalha. E os livros também, porque quando os jovens estavam lá dentro, não tinham legenda política, religião... Quando eles foram pro caixão, ninguém foi por religião... Ninguém morreu por causa de religião nem por legenda. Então a mídia atrapalha nesse sentido. Quando impõe uma religião ou uma doutrina. Atrapalha quando uma pessoa tenta ganhar ibope e dinheiro em cima da nossa dor. Atrapalha quando vem uma carta psicografada lá de não sei onde, sem respeitar o meu sentimento, sabe? Porque estão usando de um artifício que eu não permiti.”

(Lucia) “Quanto mais mexe, mais fede...”

(Vania) “Então assim, a mídia ajuda no lado do sensacionalismo pra que não haja o esquecimento. Mas ela nos atrapalha quando fere a nossa luta e os nossos sentimentos.”

(Lucia) “E as vezes parece que eles não querem que a gente lute por justiça.”

(Vania) “Então ferem tres coisas: nossa luta, nossos sentimentos e nossa dignidade.”

(Lucia) “Sabe o que a gente já escutou dos advogados em 2014? Que ‘aquele ano era o ano da solidariedade, e que era para os pais mostrarem que eles deram a volta por cima e que estavam fazendo solidariedade’. Ah não, para aí! Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.”

(Vania) “E um do Ministério Público ainda disse: ‘pra mim não interessa se foi um que morreu, ou se foi 242’ ... Então... Quer dizer assim olha, que a mídia é dicotômica.”

(Iara) “E gente, isso não existe das pessoas dizerem que tem que fazer justiça ou não fazer... Tem que fazer!”

(Carmem) “Por isso falo daquelas imagens lá, dos meninos quebrando a parede da fachada da Kiss, aquelas dos velórios, dos corpos... Aquilo lá tem que passar de vez em quando na mídia. Na mídia! Na mídia tem que passar aquilo lá. E não a gente ficar cantando e batendo palma na vigília. Isso não adianta nada. As pessoas se chocam nos vendo com as fotos dos filhos.”

(Lucia) “Se chocam.”

(Iara) “Nossos filhos morreram feito bichos trancados lá dentro.”

(Vania) “Mas é assim, gente. Dependendo de como a mídia faz, atrapalha muitíssimo. Porque ela desvaloriza nossa luta... Alguns. Mas assim, quando eles sabem de algo eles ligam, eles vão lá, eles querem ibope, mas eles sabem que a gente não abre mão e que a gente está lá indo buscar justiça. Não interessa se não vai ser da nossa vontade, mas a gente não vai desistir, porque a gente tem que honrar a memória dos nossos filhos.”

(Lúcia) “Até agora eu reparei que a vigília já tá indo pra outro lado... As pessoas entram lá e não estão mais criticando como antes. Muito pelo contrário, elas dizem: ‘bah, vocês não descansam, admiro vocês!’. As vezes até digo ‘não faço isso por admiração, faço porque sei que minha filha faria a mesma coisa por mim. E estou pelo que é certo. Enquanto eu tiver saúde, eu estarei aqui’. Qualquer mãe que colocasse o filho no mundo e perdesse desse jeito, iria estar lá.”

(Carmem) “Eu já não tenho essa coragem de vocês pra estar lá. Quando eu vou, eu fico uns quinze dias mal... Eu gostaria de participar mais.”

(Vania) “E nessa questão da vigília, entra a questão da mídia, querem ver? ‘Quando é que vai acontecer não sei o que? Vamos lá na vigília que eles estão lá... Vamos ver qual dos pais se habilita a falar sobre’. E eles tem aquele cuidado: ‘a senhora quer falar? a senhora se importa?’, ‘posso falar com a senhora?’. Neste ponto eles nos auxiliam.”

## **ANEXO B – TEXTO DOS BANNERS DA EXPOSIÇÃO DE APOIO**

### **BANNER 01**

“Uma mensagem emitida de um celular para redes sociais, vinda de uma jovem que estava na boate, anunciando o incêndio na casa de diversão, é o primeiro marco que dá ao evento uma materialidade discursiva e, segundo racionalidade de mídiatização. Ocorre a partir daí o desencadeamento de um fluxo que faz migrar o acontecimento de uma cidade da região central do Rio Grande do Sul para esfera planetária. O pedido de socorro ecoa pelas plataformas digitais, mas são os sinais de fogo emitidos da boate, que mobilizam taxistas que trafegavam na imediação da Andradadas, 1925 (local do incêndio), para a criação de uma cadeia de comunicação e de ajuda, envolvendo várias formas de auxílio, na prestação dos primeiros socorros juntos às vítimas.”

“[...] É preciso um mínimo de preparo para entender que uma tragédia não produz apenas cenas de desespero, mas também, e muito frequentemente, a paralisia do choque [...] A aparente ‘calma’ de uma pessoa afetada por tragédia não quer dizer rigorosamente nada: ‘cada vítima lida com a tragédia à sua maneira, e, embora haja alguns padrões recorrentes, é impossível para o jornalista avaliar, em campo e sem treinamento, o efeito do choque’.”

“Observa-se que a data de 27 de Janeiro, assemelha-se, discursivamente, ao ataque às torres gêmeas em Nova York, que ficou conhecido como o 11 de setembro, [...] O que é da esfera do sofrido estará em permanentemente tensão com aquilo que foi espontâneo ou intencional. A intencionalidade ou a espontaneidade da tragédia é suspensa, momentaneamente, para dar lugar ao que se sente, ao que se sofreu e ao que atingiu profundamente os sujeitos. Neste sentido, é pela ação trágica que a responsabilidade do agir será destacada historicamente no tempo e dará a dimensão da condição humana como agente produtor de transformação. Assim, a tragédia revela-se no terror e na culpabilidade que nos submergem quando, através da inexorável progressão do drama, vem à nossa consciência o que não gostaríamos de ter vivenciado.”

## **BANNER 02**

“A tragédia é um catalisador das questões públicas em termos de afetos e sentimentos individuais que são reunidos numa dimensão pública através do seu caráter de evento excepcional. Portanto, esses sentimentos serão os promotores de uma ruptura da experiência social com as suas formas tradicionais, as experiências (jurídicas, sociais e políticas) do passado e do futuro. Um exemplo é a revisão e a atualização de leis contra incêndio propostas após o incêndio na boate Kiss, surgindo assim uma nova pauta de propostas do que poderia ser feito frente às condições da tragédia.”

“Logo após o ocorrido, as pessoas encontram nas redes sociais online espaço pontencial para organização de ações e circulação de informações. Para organização dos voluntários, por exemplo, foi criado um grupo no Facebook chamado ‘Voluntario SM’, o qual centralizou informações [...] Além disso, a investigação da polícia levou em consideração informações, fotos e outros dados postados nas redes digitais para anexar ao inquérito. Os policiais organizaram um formulário de identificação online e divulgaram em perfis no Facebook [...] Foram organizadas, ainda, manifestações públicas de homenagem as vítimas e grupos foram criados no Facebook, com o intuito de serem locais de oração para as vítimas.”

“Ao analisarmos a circulação de sentidos sobre a tragédia de Santa Maria (RS) por meio das postagens e comentários no perfil do delegado Marcelo Mendes Arigony no Facebook e sentidos sobre a tragédia de Santa Maria, apreendemos que há uma nova arquitetura comunicacional decorrente de processos em midiaticização, ou seja, vivemos em uma sociedade em que a cultura é cada vez mais marcada pela conexão e pelo ‘espalhamento’ de conteúdos (JENKIS, FORD & GREEN, 2013). Com as redes sociais online, percebemos a emergência dos cidadãos convertidos em protagonistas das cenas discursivas que passam a atuar como cogestores dos processos comunicativos.”

## **BANNER 03**

“As relações entre mídia, política e sociedade ocorrem, então, a partir dos interesses e participação (direta ou simbólica) de todos, como na Tragédia Kiss. As dimensões da tragédia

sensibilizaram a todos, direta e indiretamente envolvidos, e instalam a tristeza e a dor (da perda, do inexplicável) e o medo (que cada ser humano tem da morte). O jornalismo cumpre sua tarefa e ao relatar e reproduzir a tragédia, amplia a dor e o medo e permite que seja compartilhado. [...] Emoções que vem à tona em cada canto, fala ou imagem são, assim, oferecidas pela TV, jornais, rádios e internet, numa ampliação insistente da indignação, dor, tristeza e sofrimento, em edições em tempo real.”

“A tragédia Kiss é um acontecimento público que permite identificar a importância da imprensa na mediação da realidade e, ao mesmo tempo, o exercício de poder da organização midiática devido à sua centralidade estratégica para a visibilidade de acontecimentos. A transmissão em tempo real, edições, repetições de imagens impactantes, depoimentos, gritos, lágrimas, silêncios e explicações realizam a urdidura que emociona também aquele espectador que, do lado de lá, é capturado e transformado em testemunha importante.”

“A cobertura da Tragédia Kiss foi realizada por todas as importantes redes de comunicação do país e redes internacionais [...] Recortar a tragédia e analisar sua configuração como um acontecimento público permanente, permite contribuir para os limites e a abrangência dos poderes da política, da mídia e da sociedade, em contextos excepcionais.”

#### **BANNER 04**

“Assim como em Santa Maria, em 27 de Janeiro de 2013, em Buenos Aires, na noite de 30 de Dezembro de 2004, centenas de pessoas foram vítimas de dois similares acontecimentos. A luta no Brasil é a mesma na Argentina. Seja ela feita pelo Movimento Luto à Luta, seja feita pela ONG Famílias por La Vida. Ambas situações foram alvo de uma gama considerável de notícias. O mundo inteiro parou para ver a cobertura que a mídia realizou sobre a perda de tantos jovens. Acontecimentos como estes possuem várias faces, e assim ‘[...] É preciso um mínimo de preparo para entender que uma tragédia não produz apenas cenas de desespero, mas também, e muito frequentemente, a paralisia do choque [...] A aparente ‘calma’ de uma pessoa afetada por tragédia não quer dizer rigorosamente nada: cada vítima lida com a

tragédia a sua maneira, e, embora haja alguns padrões recorrentes, é impossível para o jornalista avaliar, em campo e sem treinamento, o efeito de choque;”

“As famílias dos dois países ainda lutam pelo fim da impunidade. A mídia, mesmo que com um empenho menor, ainda tenta fomentar discussões sobre o assunto, para que o que aconteceu não caia no esquecimento. Exemplos da Kiss e de Cromagñón são deixados à sociedade, para que cidadãos se conscientizem de seus direitos e deveres. ‘A tragédia é um catalisador das questões públicas em termos de afetos e sentimentos individuais que são reunidos numa dimensão pública através do seu caráter de evento excepcional. Portanto, esses sentimentos serão os promotores de uma ruptura da experiência social com as suas formas tradicionais, as experiências (jurídicas, sociais e políticas) do passado e do futuro’.”